



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA: TEORIA, APLICAÇÃO
E VALORES.

GABRIELA TEIXEIRA VANEGAS DE LA ROSA

**PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO E CONSERVAÇÃO COM
BASE EM PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NO ESTUÁRIO DO
ITAPICURU, CONDE-BA**

Salvador, fevereiro de 2020

GABRIELA TEIXEIRA VANEGAS DE LA ROSA

**PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO E CONSERVAÇÃO COM
BASE EM PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NO ESTUÁRIO DO
ITAPICURU, CONDE-BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação

em Ecologia: Teoria, Aplicação e Valores da
Universidade Federal da Bahia,

para a obtenção do grau de Mestre em Ecologia.

Orientador: Prof. Dr. Charbel Niño El-Hani

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Salete Souza de
Amorim

Salvador, fevereiro de 2020

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa – UFBA



COMISSÃO EXAMINADORA

Título da Dissertação: Planejamento estratégico e conservação com base em participação comunitária no Estuário do Itapicuru, Conde-BA

Mestranda: Gabriela Teixeira Vanegas De La Rosa

Orientador: Dr. Charbel Niño El-Hani

Coorientadora: Dra. Maria Salete Souza de Amorim

Prof. Dr. Charbel Niño El-Hani

Instituto de Biologia

Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Lídia Maria Pires Soares Cardel

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Federal da Bahia

Dra. Luciana Araújo Leite

Instituto de Biologia

Universidade Federal da Bahia

"Sou biólogo e viajo muito pela savana do meu país. Nessas regiões encontro gente que não sabe ler livros. Mas que sabe ler o seu mundo. Nesse universo de outros saberes, sou eu o analfabeto."

Mia Couto

Agradecimentos

Talvez essa seja a parte mais complicada para mim. Por ter a consciência da importância de cada uma e cada um que cruzou meu caminho para a formação da mulher que sou hoje, em cada momento da minha vida.

Palavras são rasas para demonstrar toda a gratidão que tenho aos meus pais, Ramiro e Gleide, e a toda minha família. Reconheço o apoio, incentivo, sacrifícios e compreensão ao longo dos anos e dos momentos que não pude me fazer presente. Foram vocês que me ensinaram que eu posso ser tudo que quiser.

Agradeço à minha família do Yoga. A cada professor, mestre e aluno com quem tive o prazer de compartilhar momentos e conhecimentos. Obrigada por me recordarem da minha potência, da minha força e de como manter o centro. Sem esse (re)encontro o caminho seria muito mais difícil.

Gratidão aos meus amigos da academia e de fora dela por todo apoio, abraços, trocas, cervejas e, acima de tudo, por confiarem em mim até quando eu mesma duvidei. Obrigada por me lembrarem a todo momento que fazer ciência faz parte de mim.

À toda a recém criada Rede Kunhã Asé de mulheres na ciência pela motivação em me engajar cada vez mais, pelo apoio emocional e incentivo acadêmico. Obrigada por serem inspirações nesse caminho.

À toda comunidade de Siribinha por me permitirem esse contato divisor de águas na minha vida. Obrigada por cada ensinamento, cada troca, por terem aberto suas vidas e portas para mim. Nenhuma palavra jamais será capaz de traduzir o amor que tenho por essa comunidade.

Ao meu orientador e coorientadora, Charbel El-Hani e Salete Amorim, Obrigada por me mostrarem os caminhos da integração de conhecimento. Cada um da sua maneira me inspira grandemente a ser uma cientista cada dia melhor e mais humana, transformando verdadeiramente a realidade em que estamos inseridos.

À minha banca de acompanhamento: Margareth Maia e Luana Poliseli. Por serem mulheres e cientistas exemplos em suas áreas, por cada conselho e opiniões trocadas ao longo dos nossos encontros e por estarem sempre dispostas para me ajudar nesse processo de construção. Não poderia ter tido suporte melhor.

À toda equipe do Laboratório de Ensino, Filosofia e História da Biologia, do Instituto de Biologia da UFBA, por todo acolhimento, risos, conselhos e cafés. Dividi com vocês mais momentos do que com muita gente ao longo desses dois anos.

Por fim, agradeço à Universidade Federal da Bahia pela oportunidade de ter um ensino público de qualidade durante toda minha graduação e pós-graduação.

Ao Programa de Ecologia: Teoria, Aplicação e Valores, corpo docente e demais funcionários. Pelo esforço e trabalho árduo para manter nosso curso e estrutura física.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da minha bolsa de pesquisa, sem a qual seria inviável permanecer exercendo atividade acadêmica.

COMUNIDADES LOCAIS E A CIÊNCIA UNIDOS PELA CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: COMO ACONTECE NO ESTUÁRIO DO ITAPICURU (BA)?

Gabriela Teixeira Vanegas De La Rosa

Os sistemas socioecológicos têm passado por uma grave crise nas últimas décadas, com real impacto sobre a biodiversidade mundial, ocasionada principalmente pelas ações humanas. Diante dessa crise, é necessário que se considere as diferentes formas de conhecimento envolvidas na relação entre humanos e natureza e, dessa forma, se busque maneiras de integrar os conhecimentos tradicionais das populações humanas aos aspectos técnicos e científicos. Observando que estratégias participativas frequentemente são levadas a cabo visando tal integração, este trabalho analisou em que medida o planejamento participativo influencia as concepções de uma comunidade sobre o tema conservação ambiental e de que forma essa percepção e sua dinâmica se refletem no processo de tomada de decisão das partes interessadas. O estudo foi realizado na comunidade pesqueira de Siribinha, no município do Conde-BA, a partir de outubro de 2018, quando começaram a ser realizadas Oficinas Informativas e Participativas visando construir com a comunidade conhecimentos sobre conservação, sustentabilidade, fauna, leis ambientais e outros conhecimentos que têm a ver com a participação dos membros da comunidade nas tomadas de decisão realizadas pelo poder público para a conservação da região onde vivem. Essa participação se mostra importante para a preservação do modo de vida dessas comunidades e para o retorno desses esforços de conservação para elas próprias, de modo a promover melhoria de sua qualidade de vida. Para entender a influência das oficinas sobre as concepções da comunidade sobre conservação e sua participação nos processos de tomada de decisão, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com pessoas da comunidade. Essas entrevistas foram transcritas e submetidas a análise de conteúdo, usando técnicas de análise categórica. Os resultados obtidos indicam que as oficinas influenciaram positivamente o entendimento das pessoas entrevistadas sobre conservação, havendo um ganho de entendimento sobre questões ambientais que afetam a comunidade, quais medidas podem ser tomadas para fazer frente a essas questões, e as decisões políticas em andamento no município para a conservação da região onde vivem. Esses resultados apoiam a ideia de que o planejamento estratégico participativo pode ter efeitos sobre as concepções sobre conservação de uma comunidade local, como fator relevante para sua participação em tomadas de decisão que a afetam.

Resumo

Uma grave crise ambiental, ocasionada principalmente por ações antrópicas, tem se desenrolado nas últimas décadas, com substancial impacto sobre a biodiversidade mundial. Diante dessa crise, abordagens de conservação da natureza frequentemente incluem somente aspectos técnicos e científicos, mas tem sido cada vez mais reconhecida a necessidade de também considerar outros tipos de conhecimentos envolvidos nas relações entre humanos e natureza, tais como conhecimentos indígenas, tradicionais e locais. Tendo em vista que estratégias participativas frequentemente são levadas a cabo para dar conta do requisito da inclusão de tal diversidade de conhecimentos, o presente trabalho analisou em que medida o planejamento participativo influencia as concepções de uma comunidade sobre o tema conservação ambiental e de que forma essa percepção e sua dinâmica se refletem no processo de tomada de decisão das partes interessadas. O estudo foi realizado na comunidade pesqueira de Siribinha, no município do Conde-BA, a partir de outubro de 2018, quando começaram a ser realizadas Oficinas Informativas e Participativas visando construir com a comunidade conhecimentos acerca de conservação, sustentabilidade, fauna, leis ambientais e outros conhecimentos pertinentes à sua participação nas tomadas de decisão levadas a cabo pelo poder público para a conservação da região onde vivem. As Oficinas Participativas também envolveram a reflexão dos membros da comunidade sobre os problemas que enfrentam, suas causas e ações que podem ser realizadas para confrontá-los, de fato levando-os a executar tais ações. Essa participação se mostra importante para a preservação do modo de vida dessas comunidades e para o retorno desses esforços de conservação para elas próprias, de modo a promover melhoria de sua qualidade de vida. Para compreender a influência das oficinas sobre as concepções da comunidade sobre conservação e sua participação nos processos de tomada de decisão, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com pessoas da comunidade. As entrevistas foram transcritas e submetidas a análise de conteúdo, usando técnicas de análise categórica. Os resultados obtidos indicam que as oficinas influenciaram positivamente o entendimento das pessoas entrevistadas sobre conservação, havendo um ganho de entendimento sobre questões ambientais que afetam a comunidade, quais medidas podem ser tomadas para fazer frente a essas questões, e as decisões políticas em andamento no município para a conservação da região onde vivem. Esses achados apoiam a proposição de que o planejamento estratégico participativo pode ter efeitos sobre as concepções sobre conservação de uma comunidade local, como fator relevante para sua participação em tomadas de decisão sobre conservação que a afetam.

Palavras-chave: crise ambiental, ações antrópicas, conhecimento tradicional, grupos de interesse, tomada de decisão.

Abstract

A serious environmental crisis caused mostly by anthropic actions has been unfolding in the last decades, with substantial impact on global biodiversity. Facing this crisis, conservational approaches usually consider technical and scientific aspects, but it has been increasingly recognized that one needs to pay attention also to other kinds of knowledge involved in the relationships between humans and nature, such as traditional, local and indigenous knowledge. Considering that participatory strategies have been often carried out to deal with the demand of including such a diversity of knowledge, the present work analyzed to what extent participatory planning influences the perception of community about environmental conservation and how this perception and its dynamics are reflected on the process of stakeholders' decision-making. The study was conducted in the fishing village of Siribinha, Conde municipality, Bahia, Brazil, since October 2018, when we began carrying out Informative and Participatory Workshops aiming at building with the community knowledge about conservation, sustainability, fauna, environmental laws, and other issues relevant to their participation in decision-making regarding the conservation of the place where they live. The participatory workshops also involved the community members' reflection on the problems they face, their causes, and actions that can be carried out to confront them, indeed leading them to carry out such actions. This participation is important to preserve the community's way of life and to promote better life quality through the efforts for conservation. Semi-structured interviews were conducted with people from the community in order to understand the workshops' influence on the community's perceptions about conservation as well as its participation in the decision-making processes. The interviews were transcribed and submitted to content analysis using categorial analysis techniques. The results suggest that the workshops positively influenced the interviewed people's understanding of conservation, and there has been an increase in the understanding of environmental problems that affect the community, which measures can be taken to confront such issues, and the ongoing political decisions in the municipality to preserve the region they live in. These findings reinforce that participatory strategic planning can have an impact on how a local community conceives of conservation, as a relevant factor for its participation in decision-making toward conservation that affects its life.

Keywords: environmental crisis, anthropic actions, traditional knowledge, stakeholders' groups, decision-making.

Sumário

1. Introdução.....	12
2. Metodologia.....	16
2.1 Área de estudo.....	16
2.2 Etapas do trabalho participativo e da pesquisa.....	18
2.2.1 Oficinas Participativas.....	20
2.2.2 Oficinas Informativas.....	22
2.3 Análise de dados.....	22
3. Resultados.....	24
3.1 1ª Oficina Participativa.....	25
3.2 2ª Oficina Participativa.....	28
3.3 3ª Oficina Participativa.....	29
3.4 4ª Oficina Participativa.....	30
3.5 5ª Oficina Participativa.....	31
3.6 Oficinas e Tomada de Decisão.....	33
3.7 Entrevistas semi-estruturadas.....	38
4. Discussão	48
5. Conclusão	52
6. Referências	53
Anexo	57

1. Introdução

Uma grave crise ambiental, ocasionada principalmente por ações antrópicas, tem se desenrolado nas últimas décadas com substancial impacto sobre a biodiversidade mundial (Barnosky *et al.*, 2011). As relações entre populações humanas e os processos ecológicos, dos quais derivam os serviços ecossistêmicos, afetam de modo direto e indireto todo o ecossistema. É importante, assim, desenvolver abordagens de conservação que contribuam para a manutenção da biodiversidade, dos processos ecológicos e dos serviços ecossistêmicos. Essas abordagens, contudo, frequentemente incluem somente aspectos técnicos e científicos, sendo relativamente recente o reconhecimento da necessidade de também considerar os múltiplos conhecimentos envolvidos nas relações entre humanos e natureza e, assim, a inclusão de conhecimentos tradicionais das populações humanas (Diegues, 2000; Raymond *et al.*, 2010), ressalta-se que o presente trabalho considera por conhecimento tradicional todos conhecimentos ecológicos indígena, local e tradicional, já que não há uma unanimidade em relação ao uso dos mesmos (Ludwig & Poliseli, 2018). No Brasil, o cenário político atual evidencia que o grande crescimento da lacuna entre ciência e política tem consequências cada vez mais imediatas e explícitas, a exemplo do descaso frente a tantos desastres ambientais que têm ocorrido no país (Garcia *et al.*, 2017). A redução dos financiamentos da pesquisa científica e a estratégia atual utilizada para o direcionamento das decisões ambientais tem mantido o país aquém de uma prática sustentável, com conseqüente aumento na destruição dos sistemas ecológicos, causando enormes perdas de biodiversidade, de serviços ecossistêmicos e de benefícios socioeconômicos associados ao bem-estar humano (Dobrovolski *et al.*, 2018).

De forma mitigadora, o Sistema Nacional de Unidade de Conservação (SNUC) (Lei nº 9.985/2000) tem sido responsável pela regulamentação de inúmeras unidades de conservação em todo o país há aproximadamente 20 anos, assumindo um papel cada vez mais importante ao passo que os ataques à conservação ambiental se mostram contínuos e mais explícitos. Tais unidades tem como intuito conservar de forma satisfatória e promover o uso sustentável da biodiversidade, através da preservação das espécies locais e seus recursos naturais. Contudo, na realidade brasileira segue-se constatando uma contínua ineficiência em atingir os objetivos das Unidades de conservação (Diegues, 2000). Diversos fatores podem ter influência sobre o sucesso ou insucesso no cumprimento desses objetivos. Ressalta-se, contudo, a forma como atualmente a criação e implementação das Unidades de Conservação (UCs) têm ocorrido. Na prática, as decisões á a criação destas comumente são realizadas de forma verticalizada, ignorando as dinâmicas, concepções, posicionamentos, anseios e receios de comunidades afetadas pelas decisões de conservação, e assim sem dar a devida conta à distribuição dos benefícios e dos riscos das medidas conservacionistas. Isso gera desconfiança das comunidades locais em relação a tais medidas, tornando mais difícil e custosa a implementação e manutenção das UCs

(Diegues, 2000; Ferraro e Kiss, 2002). Para ter sucesso na manutenção de uma dos *hotspots* da biodiversidade mundiais, o Brasil precisa de estabilidade, políticas informadas pela ciência e engajamento político de uma comunidade educada socioambientalmente (Dobrovolski *et al.*, 2018). Para construir esta última ponte, é necessário buscar estratégias que visem informar as comunidades locais e, mais do que isso, criar vias de participação e mobilização de seus conhecimentos, como elementos essenciais para a construção de planos de conservação e manejo, buscando-se abordagens que integrem os conhecimentos técnico-científicos e os conhecimentos locais e/ou tradicionais, o que pode tornar mais viável e eficaz não somente a implementação de medidas conservacionistas, mas, ainda mais importante, a sua manutenção a longo prazo.

Para que os projetos de conservação possam se desenvolver a partir dessa perspectiva, a transdisciplinaridade tem se mostrado cada vez mais importante, devido ao requisito de integrar os conhecimentos de diferentes disciplinas com conhecimento não-formal, modos de pensar, interesse, sistemas humanos e culturas diferentes (Scholz & Steiner, 2015). Objetiva-se, assim, compreender e utilizar a complexa dinâmica socioambiental para conservar a biodiversidade respeitando a cultura de comunidades tradicionais, visando construir um discurso de múltiplas partes interessadas (*multi-stakeholders discourse*) (Scholz & Steiner, 2015), o qual coloca os pesquisadores acadêmicos no papel de mediadores da constituição de um discurso que incorpore os distintos pontos de vista dos grupos de interesse. Para tal, durante este processo os pesquisadores cumprem, além do papel de produzir conhecimento básico necessário, por exemplo, à conservação, o de fomentar processos dialógicos para decisão autônoma das comunidades e planejamento participativo. O papel dos cientistas não é, assim, tomar as decisões sociopolíticas propriamente ditas, mas ajudar a garantir que as decisões sejam bem informada, com compensações claramente definidas (Wallace, 2012) e resultados de diálogos das várias partes interessadas. Ao considerarmos as comunidades humanas locais, é necessário viabilizar meios sustentáveis de subsistência e melhoria de sua qualidade de vida, especialmente em regiões localizadas próximas a áreas protegidas, as quais implicam mudanças no uso do solo e nas práticas produtivas. Entre as possíveis abordagens para viabilizar tais meios lado a lado com a conservações, tem sido discutida há vários anos a proposta de que, através da construção de laços de confiança e focando em áreas de consenso, ou, no mínimo, em que sejam possíveis estratégias *win-win*, sejam realizados projetos de conservação integrados ao desenvolvimento local (nos chamados Planejamentos Integrados de Conservação e Desenvolvimento, ICDPs, da sigla em língua inglesa), como estratégias de “conservação e desenvolvimento centrados nas pessoas” ou de “ecodesenvolvimento” (Hughes e Flitan, 2001). Essa forma de pensar a conservação se diferencia de outras abordagens por sua ênfase tanto sobre a conservação biológica quanto sobre o desenvolvimento humano (Garnett *et al.*, 2007) e, assim, sobre a busca de abordagens baseadas na comunidade que representem estratégias de ganho para todos os grupos envolvidos (*win-win*), na medida do possível. Essa abordagem tem sofrido diferentes críticas, entre elas Ferraro e Kiss (2002) trazem que uma revisão declarou existir falta de casos bem-sucedidos, nos quais as necessidades de desenvolvimento da comunidade humana local foram verdadeiramente conciliadas

ao gerenciamento das áreas protegidas. As críticas se direcionam ao ponto de vista de que o ICPDs podem representar uma conservação de menor qualidade do que a que se poderia alcançar sem um foco sobre as comunidades e o desenvolvimento local, contudo deve-se considerar a escala temporal analisada e a necessária para que tais mudanças emergjam verdadeiramente (Baral *et al.*, 2007). Pode-se argumentar, além disso, que ela constitui uma alternativa ao sistema de “multas e cercas”, modelo utilizado para estabelecer áreas protegidas delimitando-se um polígono para conservação ambiental sem que haja integração com as comunidades humanas locais, contando-se sobretudo com a fiscalização e a cobrança de multas caso a lei seja infringida, o qual vem há anos se mostrando ineficiente. Parte-se do pressuposto que as populações locais têm maior probabilidade de manter a conservação ambiental, se seu bem-estar socioeconômico estiver garantido (Hughes & Flitan, 2001; Baral *et al.*, 2007). Numa abordagem baseada na comunidade, busca-se criar condições para que se estabeleçam nesta motivações, entendimentos e atitudes que favoreçam tanto a conservação quanto o desenvolvimento local, como meios para superar a lacuna entre planejamento e implementação (Heberlein, 2012). Juntamente com a tomada de decisão pelas partes interessadas mediante a construção de um discurso que integre suas perspectivas, nessas abordagens temos elementos que podem ter papel importante na busca de uma maior sustentabilidade de um sistema socioecológico, considerando tanto os sistemas e processos ecológicos, quanto as atividades humanas e as modificações que elas acarretam.

No contexto do SNUC, as Áreas de Proteção Ambiental (APA) são regiões públicas ou privadas dotadas de atributos naturais, estéticos e culturais importantes para a sociedade. Em geral, APAs recobrem áreas extensas e são criadas com o objetivo de proteger a diversidade biológica, ordenar o processo de ocupação do solo e assegurar a sustentabilidade (MMA, 2012). Na Bahia, de forma mitigadora aos impactos ambientais decorrentes da construção da Linha Verde (BA-009), entre os quais estão modificações relevantes no contexto ambiental, socioeconômico e cultural da região, incluindo o crescimento do turismo, tipicamente sem uma natureza sustentável, o Governo do Estado da Bahia criou a APA do Litoral Norte, por meio do Decreto Estadual nº 1.046/92, de 17 de março de 1992. Entretanto, na Bahia a ausência de controle durante a implantação de programas de gerenciamento costeiro tem se mostrado recorrente, o que pode permitir uma grande degradação dos ambientes naturais, conflitos entre atividades distintas e diversos fatores que possibilitam a descaracterização das comunidades litorâneas do estado (Burda *et al.*, 2007). Somada à precarização da gestão das unidades de conservação, acabam por reduzir, no caso específico do Litoral Norte, a eficácia da APA criada.

Diante do cenário apresentado, estudos que visem investigar melhor o papel de processos participativos que visam o engajamento de comunidades locais em projetos de conservação, bem como de suas implicações. O presente estudo investiga um projeto participativo na comunidade pesqueira de Siribinha, no município de Conde, Litoral Norte da Bahia, que se situa na foz do rio Itapicuru e conta com aproximadamente 500 habitantes (Bahia, 2003). Projetos educacionais e de conservação têm sido desenvolvidos nessa comunidade desde 2016 por equipe liderada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), motivados pela diversidade biológica e estado

de conservação do estuário em que se situa, da presença de uma cultura pesqueira ainda conservada, dos impactos socioambientais que vem ameaçando tanto a conservação ambiental quanto a sobrevivência pesqueira e da construção de laços profundos dos pesquisadores envolvidos com a comunidade. A economia local baseia-se no comércio, na prestação de serviços e no extrativismo (Costa-Neto, 2000), principalmente a pesca e a mariscagem, meio fundamental de subsistência para a comunidade local. Nessa região, a distribuição dos problemas socioambientais indica situações de injustiça ambiental, na medida em que distúrbios como o assoreamento dos rios e a contaminação das águas afetam sobretudo as comunidades que dependem de sistemas lacustres, fluviais, estuarinos e marinhos.

Em 04 de Setembro de 2018, foi criada pelo município do Conde-BA uma Unidade de Proteção Integral, o Monumento Natural Península de Siribinha, através da lei nº 935. De acordo com o SNUC, um Monumento Natural pode ser composto de área particular ou pública, tendo como objetivo preservar locais raros, singulares ou de grande beleza cênica. Existem, no entanto, algumas restrições quanto à forma e viabilidade de uso, que podem levar a uma desapropriação da área e acarretam modificações nos padrões de uso da mesma pelas comunidades locais. Para que a implementação e manutenção de uma UC dessa natureza possa ocorrer de forma bem sucedida, o diálogo entre as partes interessadas é essencial, sendo necessária uma mediação entre os interesses da prefeitura e da comunidade. A criação dessa nova unidade de conservação se deu, contudo, sem que esse diálogo fosse inicialmente estabelecido, o que ocorreu posteriormente, com mediação da universidade e comprometimento da prefeitura. O poder público local se encontra atualmente engajado, em parceria com a universidade e em diálogo com as comunidades, no processo de criação de mais UCs no estuário do rio Itapicuru, de Uso Sustentável e de Proteção Integral, de modo a constituir um mosaico de UCs, visando tanto a conservação da biodiversidade quanto a geração de desenvolvimento local. Assim sendo, existem algumas metodologias de planejamento participativo que podem ser utilizadas a fim de facilitar o diálogo entre as partes interessadas. O planejamento participativo é o processo no qual as partes interessadas questionam, refletem, discutem e decidem sobre questões pertinentes à comunidade. Se tratando do Planejamento de projetos orientado por objetivo (ZOPP), este utiliza da perspectiva de que os planos devem ser baseados em estratégias que o tornem exequíveis e economicamente viáveis, sendo um conjunto de medidas com intenção de atingir um objetivo previamente estabelecido, no qual as oficinas são instrumentos de gestão de projetos para esse fim. As oficinas, de forma geral, visam a transferência de informações e conhecimento, melhoramento de relações interpessoais e apoio a funções de gestão (Helming & Göbel, 1998). No caso do presente trabalho, as oficinas foram encontros realizados na comunidade com mediação da universidade, para tratar de forma transversal dos assuntos pertinentes para atingir os objetivos levantados pela própria comunidade. Para fins práticos, as oficinas foram divididas em dois formatos: informativas e participativas. As oficinas informativas visaram expor para

a comunidade alguns conhecimentos básicos que ela não detinha e são importantes para sua participação nos processos de decisão sobre as medidas conservacionistas que estão sendo pensadas para a região onde vivem, por exemplo, o que é conservação ambiental, qual sua importância, quais as modalidades de unidades de conservação que podem ser criadas, seus papéis estratégicos e suas implicações para a comunidade local. As oficinas participativas, por sua vez, buscaram propiciar condições para a organização das partes interessadas da comunidade para se mobilizarem em relação às negociações acerca da criação das UCs e a deliberação acerca de ações a serem realizadas para mitigar problemas identificados pela própria comunidade durante as oficinas. Dessa maneira, o presente trabalho objetiva analisar em que medida o planejamento estratégico participativo influencia as concepções da comunidade sobre o tema conservação ambiental e de que forma essa percepção e a dinâmica da participação se refletem no processo de tomada de decisão das partes interessadas em Siribinha, município do Conde-BA.

2. Metodologia

2.1 Área de Estudo

O município do Conde, localizado no litoral Norte da Bahia (11°48'S e 37°37'W), apresentava, no censo de 2010, população de 23.620 pessoas, com população estimada para 2019 de 25.837 pessoas (IBGE, 2019). Alguns povoados presentes no município apresentam interesse turístico por estarem situados no litoral, cuja extensão alcança aproximadamente 40 km. Este é o caso de Siribinha, onde o presente estudo foi realizado, que conta com aproximadamente 500 habitantes e se situa na foz do rio Itapicuru (Bahia, 2003). Esta comunidade pesqueira foi escolhida para o presente estudo devido aos laços profundos com Universidade Federal da Bahia construídos através de projetos educacionais e de conservação desenvolvidos na comunidade desde 2016, motivados pela diversidade biológica e estado de conservação do estuário em que se situa, da presença de uma cultura pesqueira ainda conservada, dos impactos socioambientais que vem ameaçando tanto a conservação ambiental quanto a sobrevivência pesqueira. Atualmente os pesquisadores da UFBA atuam também de maneira a mediar a relação entre prefeitura e comunidade para o desenvolvimento de Ucs e um ecomuseu na região. Essa construção de laços de confiança com a comunidade alvo se mostra essencial para que ocorra um aumento da capacidade de adaptação para responder a perturbações, por exemplo, mediante aproveitamento de oportunidades de aprendizagem, de conflitos construtivos, debates e deliberação (Stern & Baird, 2015).

A Figura 1 ilustra a localização da comunidade de Siribinha, enquanto a Figura 2 apresenta uma vista aérea do estuário.



Fonte: José Amorim Reis Filho.

2.2 *Etapas do trabalho participativo e da pesquisa*

A obtenção dos dados ocorreu através das seguintes etapas:

- (i) Como proposto por Scholz e Steiner (2015), buscamos implementar um procedimento para identificação de colíderes moralmente aceitos visando a uma escolha democrática da composição das oficinas participativas. Para tanto, foi inicialmente identificada uma das principais lideranças da comunidade, que já mantinha parceria com a equipe da UFBA. Essa liderança forneceu, após explicada a proposta e perguntado se considerava interessante e viável um trabalho participativo voltado para a conservação do estuário, uma lista de 14 pessoas que ela também identificava como líderes comunitários. As mesmas explicações e perguntas foram feitas para as pessoas listadas, sendo então pedido que também fornecessem uma lista de lideranças. Por esse procedimento de bola de neve (*snowball sampling*) (Bernard, 2011), foram identificadas 64 pessoas reconhecidas pela comunidade como lideranças. Esse achado pode ser interpretado como indicativo de que não há reais lideranças na comunidade, sendo entendidas como lideranças quaisquer pessoas que se colocam habitualmente sobre os assuntos da comunidade.

- (ii) Foi perguntado a cada uma das pessoas entrevistadas no passo anterior quais os grupos de interesse eles identificavam, dessa forma foram, então, elencados quais os grupos de interesse da região e seus principais participantes, chegando-se aos seguintes grupos: pescadores mais velhos, pescadores mais novos, marisqueiras, professoras e donos de negócios. Tais grupos foram validados pelos líderes identificados pela própria comunidade e foram então planejadas reuniões com representantes desses grupos, para que delas emergissem colíderes para guiar o processo participativo.

- (iii) Em outubro de 2018, começaram a ser realizadas Oficinas Informativas e Participativas. As Oficinas Informativas visaram construir com a comunidade conhecimentos acerca de conservação, sustentabilidade, fauna, leis ambientais e qualquer conhecimento pertinente para que pudessem se envolver nas tomadas de decisão sobre a conservação do estuário do Itapicuru, em vista do planejamento da criação de um mosaico de UCs pelo poder público local, de modo a poderem manter sua forma de vida, na medida do possível, e alcançar melhorias de sua qualidade de vida com a implementação das áreas protegidas. As Oficinas Participativas, por sua vez, inicialmente foram planejadas para o engajamento dos líderes previamente identificados, embora fossem também abertas à participação de toda a comunidade. Contudo, pela falta de engajamento da maioria desses líderes, não foi possível identificar colíderes para o trabalho participativo, e a organização das oficinas participativas foi modificada. Elas passaram a ser organizadas em torno de alguns moradores da comunidade que compareceram às oficinas, os quais foram se tornando, ao longo do trabalho, potenciais lideranças locais novas. No processo participativo, os moradores envolvidos foram mostrando capacidade crescente de organização. Para construir um caminho de reflexão e ação, foi utilizado apoio em estudos científicos de base em andamento (ex.: levantamento de fauna local, conceitos sobre conservação e unidades de conservação, etc) e abordagens de planejamento e manejo baseados na comunidade. Foram realizadas 5 oficinas participativas entre outubro de 2018 e junho de 2019 (fotos dos encontros no anexo). Após consentimento prévio dos participantes, todas as oficinas foram gravadas em áudio para posterior análise.

- (iv) Ao longo do trabalho participativo, foram realizadas 51 entrevistas semi-estruturadas com membros da comunidade que participaram desse trabalho, antes, durante e após as oficinas, com o objetivo de caracterizar os membros da comunidade sobre engajamento social, a partir de participações anteriores em atividades similares, bem como investigar as concepções prévias

dos participantes sobre questões relacionadas ao meio ambiente e à conservação de forma geral, e sua potencial transformação ao longo da participação nas oficinas.

O projeto no qual se insere o presente estudo foi inscrito no SISGEN (nº A053F57) e foi aprovado pelo Comitê de Ética na Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (CAAE: nº 97380718.3.0000.5531). Todos os participantes forneceram consentimento informado para participação nas oficinas, entrevistas, gravação dos áudios, análise e publicação dos dados (respeitadas confidencialidade e anonimato), realização e utilização de imagens para fins acadêmicos.

2.2.1 Oficinas Participativas

As Oficinas Participativas, como indica sua denominação, têm um enfoque altamente participativo, exigindo uma grande aproximação entre os mediadores das mesmas (no nosso caso, pesquisadores) e os participantes, visando a construção de conhecimento que potencialize o alcance dos objetivos do processo participativo, do modo mais efetivo. Para isso, pressupõe-se a participação dos atores sociais, além do envolvimento e real compromisso dos mediadores. Existem diferentes metodologias participativas (p. ex., pesquisa-ação, pesquisa participante, planejamento estratégico participativo, diagnóstico rápido participativo etc.). No presente trabalho, foi realizado durante a primeira Oficina Participativa um Diagnóstico Rápido/Rural Participativo (DRP) (Souza, 2009), definido por Chambers (1994, citado por Faria e Neto 2006, p. 13) como segue:

“Uma família crescente de enfoques e métodos dirigidos a permitir que a população local compartilhe, aumente e analise seus conhecimentos sobre a realidade, com o objetivo de planejar ações e atuar nessa realidade”.

Esta metodologia foi idealizada pelo *International Institute for Environment and Development (IIED)*, trata-se de uma abordagem na qual envolve diferentes partes interessadas para garantir que todos os principais atores estejam totalmente engajados no projeto da avaliação, na interpretação e na validação dos resultados e no desenvolvimento de idéias para ação. Tornando o processo essencial para a transparência e propriedade, a precisão e a credibilidade dos resultados e a criação de apoio para a tomada de ações (Booker e Franks, 2019). Na sua aplicação, busca-se através de visualizações com tarjetas contribuir para que os participantes organizem seu pensamento e sua participação no enfrentamento dos problemas enfrentados, potencializando a identificação de suas raízes e causas, para então serem organizados planos de ações concretas, com responsáveis, datas para execução e materiais utilizados, como pode ser visto na Tabela 1.

Tabela 1: Organização do Planejamento Estratégico Participativo e do Plano de Ação.

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO PARTICIPATIVO				
ATOR QUE PLANEJA:				
OBJETIVOS:				
PRINCIPAL PROBLEMA:				
PRINCIPAL CAUSA:				
RESULTADOS ESPERADOS:				
VIABILIDADE DO PLANO (RECURSOS QUE TEMOS):				
PLANO DE AÇÃO				
AÇÃO	PRAZO	RESPONSÁVEL	RECURSOS NECESSÁRIOS	RESULTADOS

Fonte: Extraído de Brose (2010).

Foram realizadas cinco oficinas participativas durante o período analisado nesse trabalho (outubro de 2018 a junho de 2019), contando, em média, com dez a quinze moradores em cada uma (2 a 3% da comunidade). Após a realização do DRP, no primeiro encontro, foram realizadas oficinas subsequentes, nas quais eram avaliados os planos de ações anteriormente propostos e novas ações eram decididas

coletivamente pelos participantes, para a elaboração de planos subsequentes. As oficinas tiveram seguimentos após o período analisado no presente trabalho, com os mesmos propósitos.

2.2.2 Oficinas Informativas

As Oficinas Informativas fizeram uso da percepção dos pesquisadores sobre conhecimentos importantes para a participação dos moradores da comunidade nas tomadas de decisão sobre conservação do estuário onde vivem que, malgrado a riqueza de seu conhecimento pesqueiro tradicional, não eram ainda de seu domínio. Elas visaram, assim, dar acesso a informações sobre conservação, sustentabilidade, fauna, leis ambientais, entre outros conhecimentos. Cinco Oficinas Informativas foram realizadas por pesquisadores colaboradores do projeto. Elas envolveram diferentes formas de interação com os participantes da comunidade, a fim de proporcionar uma maior troca e compartilhamento de distintos conhecimentos.

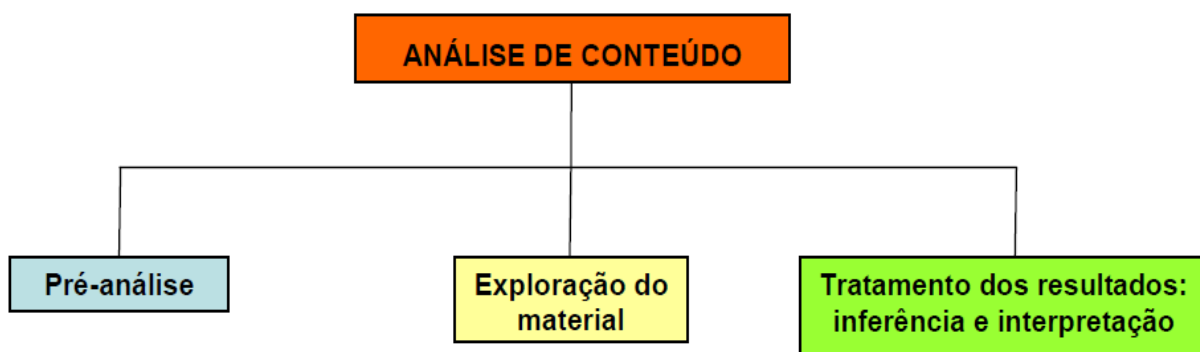
2.3 *Análise de Dados*

Para analisar as mudanças sofridas nas concepções da comunidade sobre o tema conservação ambiental, em decorrência do engajamento no planejamento estratégico participativo, as gravações de áudio das entrevistas semi-estruturadas foram transcritas e submetidas a análises qualitativas de conteúdo (Câmara, 2013). A análise de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas para investigar conteúdos de comunicações por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos, permitindo a identificação de indicadores para a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 2011). Para tal, o presente estudo, fez uso da análise de conteúdo, a partir da análise categorial (Bardin, 2011), que envolve operações de desagregação dos textos em unidades de análise, com o objetivo de elucidar conteúdos implícitos nas mensagens, a partir das unidades identificadas definimos as categorias, para tal se identificou os temas que se repetiram com frequência nas mensagensna análise das concepções dos participantes, de suas mudanças ao longo da realização das oficinas e de suas influências sobre a tomada de decisão (Bardin 2011, Câmara 2013). As categorias definidas devem ser mutuamente excludentes, homogêneas, pertinentes e objetivas, estas foram construídas por um processo de generalização a partir dos conteúdos das unidades de análise, verificados após leitura flutuante. Leitura flutuante, nesse caso, refere-se a um primeiro contato com os textos que serão analisados, a escolha deles, a formulação das hipóteses e objetivos, a elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e preparação do material (Bardin, 2011).

A pesquisadora busca, dessa forma, compreender as características, as estruturas e os modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens analisadas.

Seguindo procedimentos mostrados na Figura 5, extraída de Câmara (2013), em um primeiro momento, foi realizada uma pré-análise dos dados, visando a organização dos procedimentos de trabalho. Nesta etapa, foi realizada a leitura flutuante das falas dos participantes nas oficinas e entrevistas, a partir da qual foram estabelecidos os indicadores norteadores da interpretação dos dados.

Figura 5: Três fases da análise de conteúdo.



Fonte: Extraído de Câmara (2013), adaptado de Bardin (2011).

Em seguida, foi feita a exploração do material, através da seleção, enumeração e classificação das categorias definidas na etapa anterior, tornando possível o agrupamento das categorias em blocos que expressem a sua temática, ou sínteses das categorias. Tais categorias sínteses foram definidas de forma mista, ou seja, *a priori*, com base no referencial teórico, mas também dos dados (Câmara, 2013).

A última etapa da análise de conteúdo foi realizada com a inferência e interpretação dos resultados (Bardin, 2011; Câmara, 2013). A inferência se deu a partir da investigação do conteúdo das entrevistas com base nas categorias definidas. Em seguida, foi feita interpretação das descrições das categorias derivadas da análise da fala dos participantes das oficinas e entrevistas. A partir de tais descrições, foram realizadas proposições acerca da influência das oficinas na percepção da comunidade sobre conservação ambiental e a influência na sua tomada de decisão, esta última inteiramente relacionada ao planejamento estratégico e ao plano de ação.

3. Resultados

Os resultados encontrados são fruto do decorrer de três anos de trabalho na comunidade de Siribinha, Bahia (Figura 4). Como todo trabalho realizado em uma comunidade tradicional, faz-se necessário estabelecer vínculo de parceria e confiança, o que só acontece ao longo do tempo.

Figura 4: Linha do tempo das atividades realizadas em Siribinha de 2016 a 2019.



Fonte: Autoral.

Os dois últimos meses do ano de 2016 foram essenciais para o início do estabelecimento do vínculo do grupo de pesquisa com a comunidade e para o desenvolvimento dos primeiros objetivos de pesquisa e extensão. Em 2017, iniciou-se a participação da pesquisadora no trabalho com a comunidade, com a inserção na mesma e a construção da proposta de pesquisa e extensão. Em 2018 iniciaram-se de fato as atividades voltadas para a presente pesquisa, com a realização de entrevistas e o começo das Oficinas Participativas e

Informativas. Em 2019 deu-se continuidade às atividades do ano anterior, com Oficinas Informativas, Participativas e entrevistas, além da análise dos dados e redação da dissertação.

3.1. 1ª Oficina Participativa

A primeira oficina participativa ocorreu em dois dias de outubro de 2018, baseada na metodologia do DRP, com a participação de 8 pessoas no primeiro dia e 9 no segundo. Nela optamos por iniciar com a realização uma “árvore de problemas” identificados na comunidade e posteriormente uma “árvore das causas” (Figura 5), de acordo com a metodologia do *International Institute for Environment and Development* (2019), como pode ser visualizado na figura abaixo.

Figura 5: Imagem da “árvore de problemas” e da “árvore de causas” geradas na primeira oficina participativa em Siribinha.

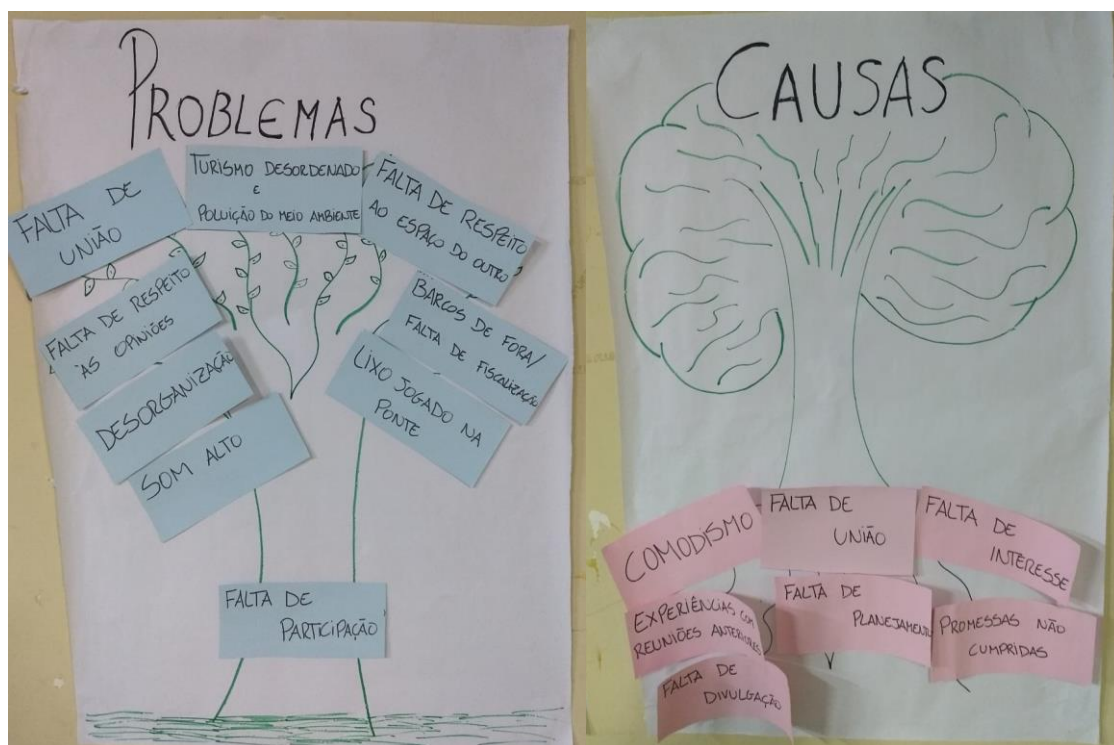


Foto: Gabriela De La Rosa

A “árvore de problemas” consiste em, de forma livre, elencar quais são os problemas da comunidade identificados pelos participantes da Oficina. Posteriormente é identificado, entre esses problemas, qual os mesmos percebem com o principal. No caso da Figura 5, podemos observar que

“Falta de participação” foi reconhecido como o principal problema, a raiz. A “árvore de causas”, por sua vez, caracteriza-se por identificar na comunidade quais são as principais causas do problema principal anteriormente definido. Em seguida, foram propostos quais seriam os resultados esperados a serem alcançadas por meio de ações visando solucionar o problema principal, como podemos ver na Figura 6.

Figura 6: Imagem dos Resultados Esperados das ações a serem realizadas, como indicados na primeira oficina participativa em Siribinha.

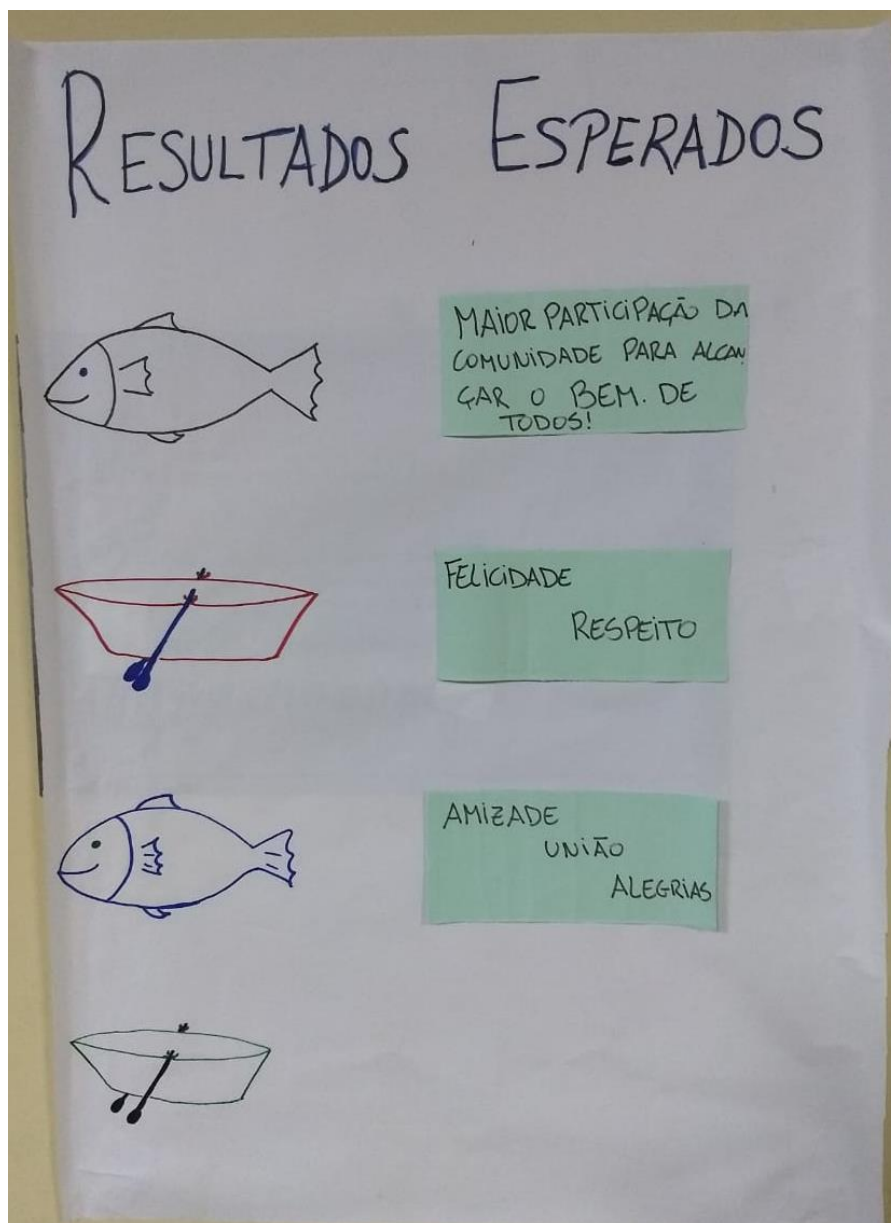


Foto: Gabriela De La Rosa

Após o diagnóstico participativo ter sido feito pelos membros da comunidade, com mediação dos pesquisadores, na primeira oficina participativa, foi proposto, à luz dos resultados esperados, um primeiro “Plano de ação estratégico” (Figura 7), caracterizado por ações a serem realizadas com o objetivo de solucionar o problema principal previamente identificado. Nesse plano, cada ação tem seu responsável, seu prazo de execução e os materiais necessários identificados. Por fim, no encontro seguinte à execução do “Plano de ação estratégico”, foi realizada a avaliação do mesmo. Neste momento foi debatido se as ações foram realmente cumpridas, se os responsáveis agiram de forma coerente com seu papel e quais dificuldades foram encontradas.

Figura 7: Imagem do primeiro plano de ação estratégico, produzido na primeira oficina participativa em Siribinha.

PLANO DE AÇÃO ESTRATÉGICO			
PRAZO DE EXECUÇÃO: 10/10 a 03/12/18			
AÇÃO	PRAZO	RESPONSÁVEL	RECURSOS
EXIBIR UM FILME, SEGUIDO DE DEBATE.	06/10/18 (5ª feira) às 19h	GABI e EVA e RUANNA	ESPAÇO: AMAPS PROJETOR FILME: EQUIPE SUGERE
DIVULGAR O FILME	FINAL DE NOVEMBRO E INÍCIO DE DEZEMBRO	TODAS (JOSILENE)	PIPOCA (FABI) TEMPO COMUNICAÇÃO/ ARTICULAÇÃO
FAZER CAMPANHA DE COLETA DE LIXO NOS RIOS, MARINHE E PRAIA	2ª SEMANA DE NOVEMBRO (05 a 09/11)	TODAS (JOSILENE/FABI SIRLEIDE/ EVA/RUANNA)	REDES SOCIAIS SACO DE LIXO BARCOS TEMPO / DIÁLOGO CARRINHO DE MÃO GASOLINA ↓ DIVULGAÇÃO

Foto: Gabriela De La Rosa

3.2. 2ª Oficina participativa

As oficinas seguintes iniciaram com a avaliação das ações propostas anteriormente, analisando-se se haviam sido realizadas ou não, quais os problemas enfrentados que dificultaram a realização, quais as consequências de sua realização, entre outros aspectos. Em alguns momentos as atividades, como as avaliações dos planos de ação estratégicos, foram realizadas de forma oral, para permitir mais tempo hábil à realização das demais atividades de forma a não causar a exaustão dos membros da comunidade – visando o bem-estar e aumento da participação dos mesmos. Entre a primeira oficina, em outubro, e a segunda, realizada em dezembro de 2018, recebemos fotos da realização de uma das ações propostas, a coleta de lixo.

A coleta de lixo aconteceu ao longo de todo o período analisado nesse trabalho, sendo retomada nos planos de ação estratégico por três vezes. As oficinas contaram, em média, com dez a quinze moradores em cada uma (2 a 3% da comunidade), com a participação se mantendo de forma contante durante o período considerado para análise do presente trabalho. Apesar da relativa pouca adesão, houve grande auto-organização e comprometimento de todos os presentes. Todas as atividades das coleta de lixo foram organizadas e realizadas pelos mesmos quatro participantes, os quais podem vir a ser lideranças emergentes na comunidade. Os participantes da Oficina Participativa definiram quais materiais deveriam ser utilizados, a data e o local a ser limpo. Nos dias que se seguiram à primeira oficina, os quatro participantes que passaram a liderar a ação assumiram o papel de recolher o material necessário, reunir o grupo e ir ao campo. Em diversos momentos foi relatada pelos participantes da oficina a dificuldade de fazer com que o restante da comunidade aderisse à ideia e se fizesse presente no desenvolvimento da ação. Apesar disso, a coleta de lixo se tornou uma ação contínua até o momento presente e posteriormente agregou mais participantes. Foi notório, também, o reflexo dessa ação em toda a comunidade. Na viagem de campo seguinte, grande parte da comunidade que tiveram contato com a equipe da UFBA mencionou a ação, demonstrando interesse, compreensão e curiosidade pela participação.

Antes dessa Oficina, como proposto no Plano de ação oriundo da primeira Oficina, foi realizada exibição do filme nacional “Narradores de Javé”, com o intuito de que um público maior fosse atraído, o que poderia ocasionar uma maior participação da comunidade nas oficinas, contamos com 26 participantes.

Durante a oficina, foi analisada a realização do Plano de Ação Estratégico anterior e, em seguida, foi realizado novo Plano de Ação (Figura 8) para enfrentar o mesmo problema principal identificado previamente. Apesar de ser possível ter-se uma maior adesão, a parcela presente da comunidade demonstrou grande interesse e empenho para que as atividades continuassem acontecendo através de contato contínuo com os pesquisadores da UFBA por redes sociais, organização de atividades e presença nas Oficinas que se seguiram.

Figura 8: Imagem do segundo plano de ação estratégico, produzido na segunda oficina participativa em Siribinha.

Plano de Ação Estratégico			
Prazo de Execução 11/02 a 16/02			
Ação	Prazo	Responsável	Recursos
Coleta de Lixo	12/12/18 (QUARTA-FEIRA)	Todos	SACOS, BARCO, Tempo, Gasolina, MARRAS, CARRINHO DE MÃO, ÁGUA, LANCHE, REFEIGENTE, SAPÃO.
REUNIÃO COM BARQUEIROS	10 ou 11/12/18	DIDI, TODOS	AMAPS.
PLACAS	ATÉ 30/01/19	DIDI, TODOS	8 PLACAS, CAVALEIRA, RIFÃO, PREGOS, MARTELO.
Filme e debate	11 a 16/02/19	GABRIELA EVA	Filme, Projetor, Equipe, AMAPS, P. boca (Fabi)

Foto: Gabriela De La Rosa

3.3 3ª Oficina participativa

A terceira oficina participativa ocorreu no mês de fevereiro de 2019. Nessa oficina, tivemos um número muito pequeno de participantes (8 pessoas), apesar de ter sido mantida no Plano Estratégico de Ação da oficina anterior a exibição do filme, dessa vez o escolhido foi “Central do Brasil”, como estratégia para atrair um maior público. Essa oficina, em particular, foi muito desmotivadora para a equipe de pesquisadores da UFBA e também para a parcela da comunidade que se fez presente. Contudo, os participantes presentes demonstraram grande interesse em dar continuidade às atividades. Foi realizada a análise do Plano de ação, avaliando os motivos de não terem sido realizadas algumas das ações propostas (ex.: reunião com os barqueiros, exibição do filme e debate), com consequente baixa participação dos moradores, modificando as ações propostas, focando a atenção para formas de atrair um maior público (Figura 9).

Figura 9: Imagem do plano de ação estratégico e terceiro plano de ação estratégico, produzido na terceira oficina participativa em Siribinha.

PLANO DE AÇÃO ESTRATÉGICO

PRAZO PARA EXECUÇÃO: 11 a 21/03

AÇÃO	PRAZO	RESPONSÁVEL	RECURSOS NECESSÁRIOS
DIVULGAÇÃO DA OFICINA E FILME	19 e 20/03	JOZILENE e TODOS	MOTO DE SOM BOCA A BOCA ZAP E INSTAGRAM
FILME	21/03/19	FABI (SUGERIR FILME), GABI (PC, SOM...)	LOCAL (LADO DA IGREJA), ENERGIA, PROJETOR, CAIXA DE SOM, COMPUTADOR
COLETA DE LIXO	11 a 15/03	JOZILENE e DIDI	TEMPO, SACOS DE LIXO

Foto: Gabriela De La Rosa

3.4. 4ª Oficina participativa

A quarta oficina participativa ocorreu em março de 2019. Houve um maior número de participantes (29 pessoas), com exibição de novo filme “Santo de casa não faz milagre”, mostrando que a estratégia utilizada foi eficaz para atrair um maior público. Mantendo o objetivo de atrair um público maior para as Oficinas participativas, foi proposto pela comunidade a realização na Oficina seguinte de uma apresentação teatral pelas crianças da comunidade em homenagem ao dia das mães, uma vez que a mesma ocorreria em maio. Além disso, foi proposto também um sorteio de cesta básica e um lanche compartilhado, pois foi concluído pelos participantes que seria uma boa forma de apresentar as mães e atrair um maior público.

Figura 10: Imagem do plano de ação estratégico e quarto plano de ação estratégico, produzido na quarta oficina participativa em Siribinha.

PLANO DE AÇÃO ESTRATÉGICO			
PRAZO PARA EXECUÇÃO: 13-17/05			
AÇÃO	PRAZO	RESPONSÁVEL	RECURSOS NECESSÁRIOS
TEATRO COM AS CRIANÇAS E ADULTOS!	16.05 18h40	FABIANA, DAMARÉS LAION, RUANNA	AMAPS, GRUPO NO WHATSAPP, TEMPO
SORTEIO CESTA BÁSICA PARA MÃES	16.05	JOZILENE, EVA, SIRLEIDE	TEMPO, ALIMEN- TOS, CAIXA, CAR- RINHO DE MÃO
LANCHE	16.05	SIRLEIDE	DINHEIRO, FORÇA DE VONTADE
COLETA DE LIXO	ABRIL	CEUDES, ALEXANDRE	BARCO, TEMPO, SALO DE LIXO, GASOLINA

Foto: Gabriela De La Rosa

3.5 5ª Oficina participativa

Entre a oficina anterior e esta, realizada em maio de 2019, os membros da comunidade participantes das oficinas relataram algumas dificuldades quanto à apresentação teatral das crianças, como, por exemplo a dificuldade em coordenar as crianças e a vergonha que as mesmas relataram ter de se apresentar em público, ainda que a proposta tenha emergido e sido acordada com elas na Oficina anterior. Por fim, terminaram por nos comunicar que a ação havia sido modificada, passando a ser uma apresentação de poesias que as próprias crianças deveriam escolher. Por fim, ação realmente executada foi a leitura, ainda que tímida, de uma poesia por uma das crianças. Durante a quarta oficina, foi também explicitada a dificuldade que tiveram para organizar o sorteio da cesta básica, uma vez que as pessoas da comunidade estavam passando por problemas financeiros, o que inviabilizou, de forma geral, a arrecadação necessária para comprar os itens da cesta. Contudo, houve doação de alguns moradores de materiais para serem sorteados entre as mães presentes na Oficina e a confecção de um lanche compartilhado, o que terminou por gerar, de fato, uma das oficinas mais

participativas (aproximadamente 25 pessoas), dando novo ânimo para a continuidade das atividades, tanto ao grupo de pesquisadores quanto aos participantes da comunidade.

Ao fim deste encontro, foi realizada pela comunidade a avaliação do Plano de ação estratégico (Figura 11), como marco de encerramento de um ciclo, período que foi analisado no presente trabalho. Observou-se que as ações propostas foram, de fato executadas, com exceção do sorteio de cesta básica, por falta de doação para a montagem das mesmas. Mas houve doação de utensílios domésticos e cosméticos por outros moradores, sendo realizado sorteio durante a Oficina.

Figura 11: Imagem da Avaliação do quarto plano de ação estratégico, produzido na quinta oficina participativa em Siribinha.

AÇÕES	REALIZADAS	RESULTADOS	DIFICULDADES
TEATRO & POESIA	SIM	HOMENAGEAR AS MÃES	ENSAIO MUDANÇA RUANNA
SORTEIO DA CESTA BÁSICA	NÃO	AJUDAR UMA FAMÍLIA	FALTA DE DOAÇÕES
COLETA DO LIXO	SIM	MUDANÇA DE COMPORTAMENTO	POUCA PARTICIPAÇÃO

Foto: Gabriela De La Rosa

Propondo dar continuidade às atividades, os membros participantes decidiram, executar novo plano de ação para que pudéssemos envolver as crianças, através de uma gincana na construção das tomadas de decisão e percepções sobre conservação ambiental visando a execução em junho de 2019.

Por fim, é importante salientar a grande participação e motivação dos membros presentes. No decorrer foram sugeridas dinâmicas para maior interação, houve muita troca durante o lanche compartilhado e foi um momento muito agradável e comentado por todos presentes.

3.6 Oficinas e tomada de decisão

Pudemos analisar que nesse contexto, em que a perda da biodiversidade segue sendo mantida em altos níveis e que os recursos financeiros para questões voltadas à conservação ambiental no Brasil são cada vez mais escassos (Dobrovolski *et al.*, 2018), que a tomada de decisão para atividades voltadas à conservação devem ser as mais parcimoniosas possíveis e melhor compreendidas. Para tanto, é essencial que as partes interessadas se empoderem durante o processo, através da assimilação de conceitos que possam ser aplicados em realidades complexas em que as condições mudam a todo momento (Scholz & Steiner, 2015). Durante este processo, o fracasso e sucesso das abordagens centradas nas pessoas devem orientar o planejamento futuro para a conservação.

No cenário apresentado em Siribinha, enfrentou-se algumas dificuldades frente ao trabalho que tem sido realizado. Inicialmente a comunidade não apresentou princípios de assimilação acerca do tema conservação, bem como dos processos em que a comunidade está imersa como, por exemplo, a criação e suspensão da implementação do Monumento Natural e da proposta de ampliação da região para novas Unidades de Conservação. Durante os meses de realização das Oficinas enfrentou-se um número baixo de participantes ativos, o que nos fez refletir sobre a abordagem e tempo necessários para viabilizar as atividades em uma comunidade tradicional, ao passo que as pressões externas seguem outro ritmo.

Seguindo a análise de conteúdo de Câmara (2013) para as Oficinas Participativas, como demonstrado no quadro abaixo, podemos identificar momentos e falas importantes para a compreensão sobre conservação e assimilação da necessidade de tomar decisões dentro da comunidade de Siribinha.

Quadro 1. Destaques do conteúdo das Oficinas Participativas. “E” se refere aos participantes da comunidade e “P” aos pesquisadores.

Categoria	A pesca é influenciada direta ou indiretamente pela ausência de integração de conhecimentos e direitos.
Componentes	Pesca
Descrição	Os trechos falam das irregularidades presentes na atividade de pesca.
Transcrição Oficina 1	

"E12: Pegam meio mundo de peixe. É...entendeu? Um monte de peixe tudo morto na beirada, tudo pequenininho quando você vê...o mar fica coalhado de peixe. É um prejuízo muito grande.

P3: A presença de barcos grandes"

" E12: Na verdade eles tinham que pescar na área de Sergipe, né?! Mas estão pescando na área da Bahia. Ai não pode, né...tá irregular, na verdade

P3: Ainda por cima passando por cima da rede.

E12: levando nossa fazenda.. risos. Porque a rede da gente é tudo, né?!"

Categoria	O Lixo advindo dos turistas e moradores locais é uma problemática para a comunidade.
Componentes	Lixo
Descrição	Os trechos se referem à falta de descarte adequado do lixo na comunidade.
Transcrição Oficina 1	
"E11: Tem a questão do turismo, eu acho. Quando vem muito ônibus aqui acaba deixando muito lixo nas ruas e nas praias. Eu acho que eles...assim...não vem praqui? Antes dele ir, eles deveriam recolher o lixo deles, pôr num saco e colocar no lugar próximo a coleta. Eu acho isso. Não deixar espalhado. Ai só faz poluir o meio ambiente e deixar a cidade horrível, né?! Outros turistas vão ver o lixo espalhado, ai vai acabar não querendo visitar o lugar."	
"E8: (...) os lancheiros, eles vem comendo alguma coisa, ou vem tomando alguma latinha, no lancheiro assim...ter uma sacolinha pra botar o lixo pra não jogar no rio. Eu já vi muito é...lata de cerveja no rio. Ai assim do lado... "	
Oficina 2	
"E8: Eu citei na reunião passada, de cada lancheiro e cada lancha que tivesse um saquinho ou um vaso de lixo pra colocar...porque tem muito turista que joga o lixo no rio. Ai se cada lancheiro tivesse uma cesta seria ótimo também, porque muito lixo vai do turista. Ai cada lancheiro tivesse sua cestinha ali e organizasse a sua lancha ou falasse pra eles não jogarem na coisa que ali tem uma cestinha pra jogar, não acontecia isso também."	
"P1: E se a gente pensar numa ação dessa do lixo, de conscientização que envolva os turistas? Vocês falaram que os turistas também são uma fonte que traz esse lixo, né?! Já que é essa época que eles estão mais aqui.	
E9: Tem pessoas muito conscientes, em qualquer lugar que eles passem vão trazer o lixo.	
P1: Mas todo mundo traz?	
E9: Muita gente traz. O verdadeiro turista traz o lixo. Agora, quem não tem consciência deixa o lixo. Mas a gente vê lá na boca da barra, o verdadeiro turista... "	
Oficina 5	

"E13: Essa gincana envolver catar o lixo, que podia ser uma das provas, no rio não que seria mais difícil, mas aqui na comunidade, na praia...é...Provas que viessem ajudar na comunidade, e algumas brincadeiras também, pra ficar...mas colocar, assim, algumas coisas que viessem ajudar a comunidade. Procurar garrafas pets, que já ajudaria na reciclagem, fazer alguma coisa com essas garrafas.

P3: Alguma coisa de atividade de artesanato...

E13: Então...nesse lixo de achar alguma coisa reciclável, fazer um artesanato. Eu acho que é uma ideia legal também, ia atrair também pessoas que podiam ser as mais velhas, como pessoas mais novas. Daria pra reunir todo mundo. Se for uma coisa organizada, né?! "

Categoria	A ausência de conscientização ambiental interfere diretamente na relação da comunidade com o meio ambiente.
Componentes	Conscientização ambiental
Descrição	Os trechos falam sobre a necessidade da conversa para despertar a conscientização ambiental dos moradores e turistas para que as ações sejam efetivamente modificadas.
<p>Transcrição Oficina 2</p> <p>“E6: De cada lancheiro ter seu saquinho de lixo. E8: É</p> <p>E11: Mas ai eu acho que vai ter que ser feita uma reunião com todos os lancheiros. Pra falar sobre isso, né?!</p> <p>E13: Ai seria mais uma questão de conscientização realmente, chamar eles, conversar com eles...porque eles estão ali conduzindo os passageiros, então eles tem que chamar pra não jogarem lixo no rio...</p> <p>P2: Mas vocês que estão se reunindo aqui, podem ser as pessoas que vão chamar os barqueiros para uma reunião aqui, e diz "olha, a gente tá pensando essa coisa do lixo. Estamos coletando lixo...então" A gente tem duas ações. Uma da conscientização que o Didi falou, mas ter lá a cestinha da ideia de Ceudes, é interessante, porque na hora que alguém vir que tem a cestinha pra jogar o lixo, não joga de qualquer jeito, não tenha dúvida disso. Mas isso nem sempre veio do berço. Mas o que ia jogar, quando vê já joga na cestinha. Então tem outra ação ai que é buscar um apoio, chegar na prefeitura e dizer "A gente tá trabalhando com meio ambiente..."</p> <p>“E9: Mas as placas sempre existiu. Aqui as placas sempre existiu. Agora a pergunta é assim: o que mais importa é a comunidade ter a consciência, ter essa consciência que você tem que fazer a coleta do lixo, porque você não teria a preocupação de fazer entulho...arruma tudo lá no fundo. Era aquela bagunça. Hoje não existe mais. Então a questão é o lancheiro com a garrafinha de gasolina e o papel de qualquer coisa que come, estão comendo e jogando no chão.”</p> <p>“P1: Mas vamos pensar em ações, em coisas que a gente possa fazer. Porque é essa a ideia do plano de ação.</p>	

E9: A gente fazer a parte da gente, porque implantar isso na cabeça de gente...

E11: É a pior coisa, viu?!

P1: É difícil, mas a gente pode ir fazendo aos pouquinhos.

E13: É...é isso que eu falei. Só o fato de estar fazendo essas ações, estar realizando ações e a partir do momento que começa a envolver mais pessoas da comunidade, automaticamente essas pessoas vão se conscientizando e vão conscientizando também...passando a cobrar, essas pessoas que vão ser os fiscais, os fiscalizadores dessas pessoas que jogam o lixo. A comunidade estando conscientizada, resolve o problema.

E9: A escola também pode ajudar. Você vê que teve uma campanha ali do saco plástico, tem coisas que você pode trazer na sua mão, não tem necessidade do saco...

P1: É! Eu vi lá na mercearia.

E9: Os meninos já aderiram. Isso é uma coisa boa.”

“P3: Até o dia que vocês vão sair pra coletar e não vão coletar mais nada. Não vai ter mais lixo. Isso não é um sonho de futuro?

E8: Ai é bom!

P3: Então a ideia é essa, que além de vocês terem um maior número de pessoas nessa atividade, vocês vão voltar sem lixo, porque ninguém mais jogou. Olha que beleza?

E8: Ai é bom! Maravilhoso.

P3: A gente tem que sonhar, né?!

E11: É...ter esperança, né?!

E12: Não vai ser fácil.

P3: Não vai ser fácil, porque às vezes as pessoas, elas falam assim, oh o discurso “ai, eu defendo o meio ambiente, eu acho...” e ai quando você vê a pessoa tá jogando uma coisa no chão. Na mesma hora. E agora? Tem que mudar o pensamento mesmo da pessoa. E ai? Vamos fazer o sorteio?”

Categoria	A divulgação é um fator importante para modificar a falta de participação nas atividades da comunidade.
Componentes	Divulgação
Descrição	Os trechos se referem à medidas de divulgação para que a comunidade se torne mais presente nas Oficinas.
Transcrição Oficina 2	
“P2: Mas tem uma coisa...porque Didi pensou em uma conversa que ele teria, mas é interessante chamar o pessoal pra ter uma conversa com o coletivo, né?! Pensei em mediar porque mais gente falando é melhor que uma pessoa só.	

E9: Pra juntar eles aqui você faz assim oh: "Lá no centro vai ter um monte de gelada." Ai sim vem todo mundo...ai sim vem todo mundo. De verdade. Amanhã de manhã, se falar assim "3h Didi tá dando 3 caixas de cerveja." Todo mundo tá aqui. Sem dúvida.

Todos: Risos...isso ai vem antes. “

Oficina 3

“E14: A divulgação primeiro, né?! No caso...

P1: Então a gente vai colocar...

P3: A primeira ação: uma divulgação diferenciada, né?! Vai ser agora com a moto de som...é, é isso que chama estratégia, né?! Não deu certo uma coisa, tenta outra...

P1: Mas a divulgação é da...da nossa...da oficina, né?!

E11: Da parte do filme...

E14: Do filme e da oficina, né?!

E6: De tudo...Vai ter um filme, depois vai ter uma...”

“P1: Do dia 18 ao dia 23...então seria nesse, a gente chega aqui dia 18, então a divulgação tem que acontecer antes, né?!

Todos: Uhum...

P1: Quanto tempo antes vocês acham que...

E14: Ah...pelo menos uns 2 dias antes.

E11: 2 dias antes.”

Fonte: Autora.

Observamos que as Oficinas influenciaram positivamente o entendimento sobre conservação, ainda que de forma lenta. Houve um ganho de entendimento sobre questões ambientais na comunidade, medidas que poderiam ser tomadas para remediar tragédias ambientais e decisões políticas na região. Apesar do pequeno número de participantes por reunião, eles eram extremamente participativos e com decisões coerentes com os problemas previamente identificados. Durante a primeira Oficina participativa foi sugerido por uma das participantes mais ativas a primeira atividade relacionada com questões ambientais: a coleta de lixo no rio, mangue e praia. Essa atividade, além de objetivar a limpeza, teve também o foco em amenizar a problemática da falta de união e participação da comunidade

A coleta de lixo foi uma decisão tomada exclusivamente pelos moradores participantes da Oficina, sem qualquer direcionamento vindo dos pesquisadores envolvidos. A sugestão da atividade, material necessário, data, pessoas responsáveis e a execução foram totalmente sugeridos e realizados pela comunidade. A coleta ocorreu em um momento em que a equipe de pesquisa não estava presente em Siribinha, os pesquisadores receberam fotos (anexo) e mensagens através das redes sociais sobre a realização da atividade.

3.7 Entrevistas semi-estruturadas

Paralelamente, de forma a verificar possíveis mudanças na compreensão da comunidade sobre o tema conservação ambiental, entrevistas semi-estruturadas foram realizadas em três diferentes momentos: no mês de dezembro de 2018, logo após a primeira Oficina Participativa; no mês de fevereiro de 2019, em meio à realização das Oficinas; e nos meses de junho e novembro de 2019, depois da última Oficina incluída na presente pesquisa. Um quadro matricial produzido a partir da análise das entrevistas indica haver diferenças na compreensão dos atores sociais sobre questões de conservação ambiental, assim como nas sugestões de ações concretas em prol da conservação ambiental do estuário onde se encontra Siribinha com manutenção do modo de vida local.

Quadro 2: Quadro matricial das entrevistas semi-estruturadas sobre Conservação Ambiental.

Conservação ambiental
Observamos grande variação nas concepções da comunidade sobre o tema conservação ambiental. Embora a compreensão do tema não seja, como era de se esperar, aprofundada, pode-se constatar um entendimento pelos membros da comunidade entrevistados de que haveria uma necessidade de modificar alguns hábitos para que seja possível a manutenção de seu modo de vida.
Tema:
O que é conservação ambiental?
Dezembro de 2018 – Início das Oficinas: E1 “É, porque a gente tem que conservar deixar tudo limpo. É por que nós vevi da nossa pescaria, então tem que viver com o rio sempre limpo, não jogar coisa e sem sujar, eu acho né?” E2 “Humm, não tenho menor ideia.” E3 “De conservar, né? As plantas, não destruir que tem muita gente que é...que derruba, né?! E isso não pode. Tem que conservar pra não acabar com, como assim uma Amazonas, né? Que é muito grande ai os povos vai derrubando e ai vai acabando e ai não pode, né?” E5 “Pra não maltratar o meio ambiente, nem jogar lixo.” E6 “É pra...pre...é conservar, né?! O meio ambiente...não jogar lixo, não deixar as pessoas destruírem, né? Cuidar do que é nosso, né?! Na verdade.” E7 “É prevenir, é proteger, né?! O meio ambiente, não jogar lixo, não cortar as árvores, né?! Porque, né?! A gente fica prejudicado depois...e mucha coisa.” E8 “É cuidar, né?! Preservar. É...não desma...fazer desmatamento, não causar é...fazer queimadas, não jogar lixo...”

E9 “Proteger, não jogar lixo. Isso ai é uma coisa que eu gosto muito de fazer. Eu não posso fazer por todos, mas eu faço a minha parte.”

E11 “Manter o meio ambiente preservado, não fazendo desmatamento, não poluindo os rios, os mares, em geral.

É...não degradar uma certa área, como vocês falaram, lá perto da boca da barra tem uma parte lá que é preservada, né? Então aquela parte ali não pode ocorrer essas coisas, né? Desmatamento, poluição...não só ali, né? Acho que o meio ambiente em geral. E como ali tá preservado, ai tem que fazer de tudo pra manter ele preservado, continuar mantendo ele preservado. É...se a gente ver alguém jogando lixo, a gente tem que falar, que às vezes não sabe, né? Ai entram lá pra pegar marisco, às vezes pra fazer a pesca naquela parte que não pode. Eu não sei muita coisa não...”

Fevereiro de 2019 – Durante as Oficinas:

E2 “É...guardar? Conservar é guardar, né?”

E8 “Eu ouvi falar com você naquele dia aqui na reunião também, né?”

E9 “Conservação...é conservar a natureza.”

Junho e novembro de 2019 – Depois da última Oficina incluída no presente estudo:

E7 “Proteger o que? A natureza...a nossa, a natureza em redor da gente.”

E8 “É pra...o nome já tá dizendo, né? Conservar. Então ali quer dizer que...naquela...não pode, acho que não pode pescar ali, não pode...pode olhar, tirar foto, essas coisas...mas não pode recolher prod...os mariscos, essas coisas, né?”

E9 “Não poluir, cuidado com o ar, com o solo, com deixa eu ver...com o ar, com a água, com o solo, com as plantas, com o ser humano.”

E10 “Tudo isso que a gente tá fazendo, né? A coleta do lixo...pra conservar o lixo, pra conservar o peixe, o marisco, eu consi...o meio ambiente, as plantações...eu considero isso.”

E11 “Conservação ambiental pra mim é manter o meio ambiente preservado, né?

O meio ambiente limpo. Tanto rios, mares, as ruas também...não jogando lixo, não desmatando, não fazendo queimada, desmatamento, essas coisas... “

Tema:

Ações em prol da conservação ambiental

Dezembro de 2018 – Início das Oficinas:

E3 “De plantar mais plantas, né. As pessoas que destroi, chegar e perguntar, conversar pra não destruir, né. Igual o mangue aqui que o povo pesca, né. Que tem gente que derruba algumas partes.”

E5 “Sei lá...não jogar lixo. Não poluir o ambiente.”

E6 “Não apareceu ninguém e nós fizemos o convite. Na verdade a gente convidou e você vê a multidão de gente que tem aqui. Tem muita gente, só que na verdade não quiseram nem saber. Teve gente que ainda falou assim “Ahhh..grande prestígio catar lixo.” Acha que a gente tava fazendo fazendo...gente, aquilo que a gente tava fazendo ali, pra mim foi uma, uma gratificação enorme, e eu faço qualquer hora que for pra fazer, porque eu sei que eu tava fazendo não é pra mim, eu tava fazendo pros meus filhos, pra minha filha mais tarde, pro meio ambiente que é uma coisa na natureza que a gente tem que cuidar mesmo, realmente a gente sabe que é onde a gente vive, né. A gente cuida da nossa casa, a gente tem que cuidar do nosso, do meio ambiente. Só que as pessoas não quiseram nem saber, então...a gente fez nossa parte, né. E vamos fazer quando precisar.”

E8 “Eu mesmo o que eu posso fazer é a minha parte, né?! Não jogar lixo, preservar o meio ambiente, essas coisas o máximo que eu puder fazer, por exemplo que nem a gente fizemos o mês passado...que catemos aquele lixo todo lá. E de homem só tinha eu. E o outro foi minha esposa, foi Risania, Bi e Eva. Foi quase 50 sacos de lixo.”

E9 “É...assim....Na verdade, é uma coisa que a gente não pode falar...assim...a gente faz a nossa parte. E se a gente fala ‘faz isso’, você é besta....então é faço a minha parte, faço a diferença, se eu vou no...se eu vou em qualquer lugar, faço a minha coleta de lixo. Tipo, é...tipo assim, todo lixo plástico eu coloco aqui.

(...)

No...no inverno eu comi vegano o inverno inteiro. Você não acredita que eu tirei abóbora, melão, tudo daqui. Então é uma forma, é uma forma sustentável, é uma forma natural de se comer bem. De se ter uma qualidade de vida, embora aqui muita gente não faz isso.”

E11 “Com certeza. Quando eu vejo alguém jogando lixo no, no, na rua ou no rio ou qualquer lugar, eu falo logo, reclamo logo. ‘Pô você não viu o tanto de lixo que a gente recolheu no mangue? E você tá fazendo isso? Jogando lixo no rio? Seja mais consciente.’ e tal. Mas na primeira vez não teve muitas pessoas não pra ajudar. Espero que da próxima vez o pessoal seja mais solidário, tenha mais companheirismo, né?”

Fevereiro de 2019 – Durante as Oficinas:

E2 “Fazer reunião, né? Mas às vezes faz e o povo não vai, né?”

E6 “Ah uns vão, outros não...ai fica complicado, né? Bom seria que todos participassem, e cada um desse também sua opinião, né? Pra poder chegar, porque ai aquela coisa...as pessoas não participam, ai quando acontece qualquer coisa que às vezes um grupo participa e acontece, ai depois fica falando “Ah...porque eu não sabia. Ah porque eu não...” entendeu? Mas todo mundo tá vendo...sempre é comunicado, mas ninguém quer ir. Mas na hora que acontece, que tiver que acontecer qualquer outra coisa, ai logo eles começam a falar...porque não, porque isso, porque aquilo...tipo o centro mesmo, né? Eles fizeram esse centro ai, essa...muitos ficaram “Ah porque eu não sabia, porque eu não sei o que, não sei mais o que”, teve um grupo que assinou, teve outros entendeu? Ai começa aquela...mas eu acho que é falta de, de, de participação...”

E8 “Eita...essa pergunta é...é uma pergunta difícil porque a comunidade não é, não gosta muito de reuniões porque pra chegar nessas, tomar algumas decisões, eles tem que ir pras reunião. Agora, como trazer eles pra reunião que tá difícil.”

E9 “Eles é maré-me-leva, maré-me-traz. Eu acho que eles pensam muito, não vou falar de todos...é...interesse próprio. Então não quer saber. O dia que um tomar uma decisão, tomar uma decisão por todos, ai todo mundo vai achar ruim. Mas pra quem acha isso, tem que participar. Eu acho que a comunidade tem que se envolver com tudo que acontecer...é, eu falo de Siribinha como se fosse minha terra natal.”

E11 “Tipo quando teve a coleta de lixo, poucas pessoas foram. Foi um pouco cansativo porque se tivesse mais pessoas o serviço teria acabado em menos tempo, e é...a união faz a força, né? Infelizmente foram poucas pessoas, aqui falta mais comunicação entre as pessoas. E a pessoa tem que ser consciente, né? Também. Fazer sua parte. Cada um fazendo sua parte, eu garanto que o mundo, o planeta vai ser bem melhor, né? “

Junho e novembro de 2019 – Depois da última Oficina incluída no presente estudo:

E7 “Não jogando lixo, não desmatando. É a melhor forma que tem é não desmatar ela, deixar ela do jeito que ela tá. Porque senão, minha irmã...se desmatar ela o bicho pega.”

E8 “Pra mim, pra aquelas pessoas que vem na, na, nas oficinas, aquelas pessoas eu tenho certeza que muda alguma coisa, né? No entender delas, daquelas pessoas. Porque até eu mesmo, eu já mudei um pouquinho...Risos. Eu tenho exemplo por mim. Agora aquelas que tá comodidade...eu acho que num mudou assim o jeito das pessoas entender. Mas mudou, que já tem placas, catagem de lixo melhorou muito nos lugares que a gente catou. Acho que tá melhorando um pouquinho, é que é devagar.”

E9 “. Porque quando a gente aprende, é como se fosse, não fosse um cego, né? Quando a gente não sabe de uma coisa que a gente sabe, que a pessoa fala e tira uma com a cara da gente...então a gente saber nunca é demais. Eu acho importante a gente participar de tudo que a comunidade tem a oferecer e a gente ter um pouco mais de conhecimento. Pra mim, pra alguns, foi benéfico.”

E10 “Com a coleta do lixo, não jogando lixo, não jogando fossa...não desmatando o manguezal, porque o que a gente tem aqui mesmo é o manguezal, não tem outra plantação, não é? A não ser o manguezal ou coqueiro...coqueiro tem muito, e não fazendo esse desmatamento pra conservar o nosso peixe, nosso caranguejo, nosso siri, nosso aratu...a nossa vida mesmo.”

E11 “Tipo a questão da coleta do lixo, pessoal, não são todos, mas alguns tá tendo essa consciência de sempre tá indo limpar os manguezais, de não jogar lixo mesmo nas ruas, não é? Alguns que faziam isso antes tão tendo a consciência de não fazer mais. Queria que é...toda a ...ham...comunidade fizesse isso junto, né? Mas infelizmente nem todo mundo pensa assim no futuro, né? O pessoal quer viver o agora e não tá muito se importando com o futuro, com as próximas gerações. O que vão deixar pros seus filhos...pros seus netos...entendeu? Mas eu quis, que perdi uma coleta porque não deu pra mim ir, mas sempre que tem e eu vou...me sinto satisfeita, sabe? Por tá fazendo a minha parte, por tá preservando. E se cada um fizer sua parte, podemos ter um, um mundo totalmente limpo, né? Sem poluição, desmatamento...”

Fonte: Autora.

Com isso, mais uma vez analisamos a necessidade de repensar sobre o tempo e abordagem necessários para a assimilação de conceitos e mudanças de comportamento por uma comunidade tradicional. Foram preciso pouco mais de dois anos para que a comunidade e os pesquisadores passassem a compreender a melhor forma de trabalho, como pode ser observado pelos exemplos de verbalização do quadro 2 acima e no quadro 3 abaixo. No quadro 3 observa-se trechos das entrevistas, onde analisamos o número de falas de cada categoria nos períodos do início das Oficinas, durante e depois da última Oficina. Com esses trechos podemos observar os padrões de mudança em relação à Conservação Ambiental e ações em prol da mesma explicitadas no contato direto e individual com o moradores da comunidade, sejam eles participantes ou não das entrevistas, evidenciando, assim, a repercussão das atividades na comunidade como um todo.

Quadro 3: Tabela da categorização dos temas Conservação Ambiental e Ações em prol da Conservação Ambiental baseada na entrevista semi-estruturada. “P” refere-se ao pesquisador e “M” ao entrevistado.

TEMA	CATEGORIA	DESCRIÇÃO	N			Exemplo
			ANTES	DURANTE	DEPOIS	
Conservação ambiental	Limpeza	Conservação ambiental intimamente relacionada à manutenção da limpeza local e produção de lixo.	7	1	5	M- O povo que chega aqui de fora, fala assim, sobre a limpeza do rio, assim, essas coisas. P - Então é isso que a senhora acha da conservação ambiental? M - É, porque a gente tem que conservar deixar tudo limpo. É por que nós vevi da nossa pescaria, então tem que viver com o rio sempre limpo, não jogar coisa e sem sujar, eu acho né?
	Não sabe o que é	Afirma não saber o que é conservação ambiental	3	3	1	M – Não sei, não sei. Não, não, nunca ouvir falar não.
	Desmatamento	Conservação ambiental relacionada com controle do desmatamento	1	1	0	M: De conservar, né? As plantas, não destruir que tem muita gente que é... que derruba, né?! E isso não pode. Tem que conservar pra não acabar com, como assim uma Amazonas, né? Que é muito grande ai os povos vai derrubando e ai vai acabando e ai não pode, né?
	Limpeza e desmatamento	Associa Conservação ambiental ao controle do desmatamento e manutenção da limpeza local.	1	0	1	M: É cuidar, né?! Preservar. É...não desma... fazer desmatamento, não causar é...fazer queimadas, não jogar lixo...

	Preservação	Conservação ambiental relacionada à preservação/manutenção da forma de vida, podendo incluir mais de uma categoria (ex.: limpeza, desmatamento)	7	6	7	M: É você conservar o ambiente em que você vive ou que outras pessoas vivem, é conservar tipo seja ela de maneira sustentável porque assim, você não vai conservar uma coisa que tá ruim, então conservar aquilo que é bom e que traz algum benefício em prol de alguma coisa.
	Educação Ambiental	Conservação ambiental como sinônimo de educação ambiental	1	0	0	M: Já e muito, né? Só que como a gente não põe em prática da maneira que tinha que ser, né? P: E como é a maneira que tinha que ser? M: É, pra mim, é a educação ambiental, né? P: Conservação ambiental. M: Conservação ambiental. Pra mim o efeito formiguinha, é o principal. Conservação ambiental. Você fazer sua parte e não vier dos outros.
	Sabe o que é	Diz apenas saber o que é, sem maiores explicações.	0	5	0	M - Já
Ações em prol da Conservação ambiental	Não têm sugestão	Não apresentam sugestão de ação em prol da Conservação ambiental	1	2	1	M – Não sei
	Reflorestamento	Sugerem plantar mais na região.	1	0	0	M: De plantar mais plantas, né. As pessoas que destroi, chegar e perguntar, conversar pra não destruir, né. Igual o mangue aqui que o povo pesca, né. Que tem gente que derruba algumas partes.

	Coleta de lixo	Realizar coleta de lixo em grupo ou individualmente na região.	7	1	4	M: Eu mesmo o que eu posso fazer é a minha parte, né?! Não jogar lixo, preservar o meio ambiente, essas coisas o máximo que eu puder fazer, por exemplo que nem a gente fizemos o mês passado...que catemos aquele lixo todo lá. E de homem só tinha eu. E o outro foi minha esposa, foi Risania, Bi e Eva. Foi quase 50 sacos de lixo.
	Não jogar lixo	Não jogar lixo na rua, rios, mares e mangue.	4	0	1	M: Risos. Sei lá...não jogar lixo. Não poluir o ambiente.
	Diminuir resíduos	Preocupação com a redução dos resíduos gerados e com o descarte dos mesmos.	1	0	0	M: Por isso que eu interpreto assim. Ai eu sempre tô colocando, semeando na mente das crianças aqui. Vem comprar um biscoito, ai vai comer aquele biscoito ali na frente e ainda colona ni outra sacola. Ai eu falo “você tá gerando resíduo do biscoito, e ainda você vai de proposito gerar outro resíduo”, então não é necessário, então. Vamos fazer assim oh...o que der pra você levar na mão, não coloque em sacolas plásticas.

	Mudanças no estilo de vida	Ações diversas que gerem menor impacto no meio ambiente	1	0	1	M: No...no inverno eu comi vegano o inverno inteiro. Você não acredita que eu tirei abóbora, melão, tudo daqui. Então é uma forma, é uma forma sustentável, é uma forma natural de se comer bem. De se ter uma qualidade de vida, embora aqui muita gente não faz isso.
	Ações comunitárias	Ações que mobilizem a comunidade para solucionar questões relativas à falta de união dos membros.	0	10	5	M: Primeiro...tem que ter primeiro a união porque se não se unir, não consegue. Se um pensar no próprio bolso, que nem pensa... pensa no próprio bolso, ai vai o outro só pensa no próprio bolso, ai nunca vai melhorar. Nunca é...vai seguir a frente, porque um exemplo, os passeio de lancha...um atravessa o outro. Um queima os preços do outro... ai às vezes o veranista vem atrás daquela pessoa, o outro atravessa na frente e diz que aquela pessoa não tá pra levar, ai quando chega na frente a pessoa que tá procurando tá. Então enquanto existir essas coisas, então acho a chave principal é união. Se unir, ai consegue. Porque diz que a união que faz a força, né?
	Cumprir acordos	Seguir acordos pré-estabelecidos, a exemplo de leis ambientais.	0	1	0	M: Exemplo: se não pode cortar o mangue, não corta. Tem que ir com a linha certa, não é?

	Não maltratar os animais	Não agredir diretamente a fauna local.	0	0	1	M: Evitando não fazer, não maltratar os animais.
--	--------------------------	--	---	---	---	--

Fonte: Autora.

Observa-se que o padrão das categorias obtidas na análise de conteúdo pouco mudou do começo ao final do período de trabalho de planejamento participativo incluído no presente estudo. Ocorreram diferenças sutis, principalmente, no que diz respeito a algumas categorias específicas. Quanto ao tema da Conservação Ambiental, nota-se que aquelas que relacionam o tema à limpeza e preservação se mantiveram relativamente constantes, com algumas flutuações nas entrevistas feitas durante a realização das oficinas. Observa-se, porém, mudanças relevantes entre os membros da comunidade que afirmavam não saber o que é conservação ambiental, com uma diminuição entre os entrevistados ao final do período investigado. No que se refere às ações em prol da conservação ambiental propostas pelos membros da comunidade, as falas que se referem à coleta de lixo se mantiveram relativamente frequentes ao longo do processo, sendo as mais comuns no começo das atividades. Outras categorias referentes ao lixo se mantiveram presentes. Por sua vez, falas referentes a ações comunitárias mostraram aumento ao longo do tempo, especialmente durante a realização das oficinas.

4. Discussão

Diante das atuais questões sociopolíticas e ambientais no Brasil, torna-se ainda mais necessário o engajamento da população em participação política pública em questões relativas à conservação, especialmente em apoio a políticas públicas que sejam bem embasadas cientificamente (Dobrovolski *et al.*, 2018), o que requer tanto que a população tenha mais conhecimento científico quanto que seus modos de entendimento do mundo sejam considerados. Apesar de não ser papel da ciência tomar decisões políticas, é seu papel garantir que estas decisões sejam bem informadas e os aspectos ambientais envolvidos, incluindo as compensações a serem feitas em decorrência de impactos antrópicos, sejam bem definidos (Wallace, 2012). Em vista das demandas de engajamento da população em participação de uma política informada, estratégias de planejamento participativo têm sido cada vez mais empregadas (ver, p. ex., Booker & Franks, 2019; Llambí *et al.*, 2005). Assim, o presente trabalho objetivou analisar em que medida o planejamento estratégico participativo é capaz de influenciar a percepção de uma comunidade sobre o tema da conservação ambiental e de que forma isso se refletiu no processo de tomada de decisão pelas partes interessadas da comunidade pesqueira de Siribinha, situada no estuário do Rio Itapicuru, no município do Conde-BA. O contexto em que o estudo foi realizado envolve decisões em torno de propostas de conservação para a região em que a comunidade se encontra, incluindo a criação de um Mosaico de Unidades de Conservação por iniciativa do poder público local, e um processo de pesquisa e trabalho colaborativo de pesquisadores da Universidade Federal da Bahia e de outras universidades com as comunidades do estuário do Itapicuru desde outubro de 2016, visando criar condições para a preservação do modo de vida dessas comunidades e para o

retorno desses esforços de conservação para elas próprias, de modo a promover melhoria de sua qualidade de vida, aproveitando o potencial ecoturístico do estuário, que conta com uma grande área litorânea, diversidade biológica e cultura de pesca viva.

De maneira geral, para obter êxito no presente trabalho, foram necessários mais de 3 anos de envolvimento com a comunidade. A partir do segundo ano de trabalho na comunidade (2018), emergiu a pergunta de pesquisa do presente projeto, a partir da proposta de realizar oficinas de planejamento participativo na comunidade de Siribinha, como parte do esforço da equipe de pesquisa para dar retorno à comunidade, mediante um engajamento na busca por respostas para perguntas da própria comunidade, através de trabalho colaborativo. Essas oficinas foram desenhadas para responder a questionamentos dos próprios moradores de Siribinha que, embora não designados em termos do que chamamos de “conservação”, têm a ver com o que denominamos, no presente trabalho, “tema da conservação ambiental”. São preocupações que dizem respeito ao declínio dos recursos pesqueiros, à gestão de resíduos sólidos no estuário, à destruição do manguezal, à poluição, entre outros assuntos, sobre os quais pessoas da comunidade nos falavam ao longo das interações.

O convívio com as pessoas da comunidade foi fundamental, pois, tanto para a identificação do objeto do presente estudo, quanto para a construção de laços de confiança e conseqüente boa receptividade para as conversas, entrevistas e oficinas. Como já mencionado, o desenvolvimento de trabalhos em comunidades tradicionais exige grande dedicação por parte dos pesquisadores e investimento financeiro. Em 2019 ocorreram cortes do investimento público brasileiro para a educação superior e a pesquisa científica, o que dificultou algumas idas à campo para a realização das oficinas e entrevistas, e para a elaboração das análises dos dados coletados, além de gerar preocupação de toda a equipe e dos moradores quanto ao futuro do trabalho que já vinha sendo desenvolvido. Dessa forma, foi necessário esforço árduo para que o projeto em desenvolvimento pudesse ser mantido.

As Oficinas participativas e informativas realizadas integram a metodologia de planejamento estratégico participativo utilizada para o trabalho colaborativo na comunidade. A partir das Oficinas participativas foi construída uma “árvore de problemas”, o que permitiu que a comunidade refletisse sobre sua própria vida e dificuldades, tendo sido identificado como principal problema a “falta de participação”. Com isso, eles expressaram a dificuldade de fazer com que grande parte dos moradores se interessasse por questões que envolvem de forma direta ou indireta toda a comunidade. Em decorrência dessa constatação, foi uma demanda contínua ao longo das oficinas que mais pessoas da comunidade se fizessem presentes e participativas durante as oficinas e as tomadas de decisão. O esperado por eles é que, ao solucionar o problema do engajamento, a comunidade seja capaz de atingir resultados como maior participação da comunidade para o bem de todos, felicidade, respeito, amizade, união e alegrias, como identificado por eles próprios na oficina em que foi feito o Diagnóstico Rápido Participativo (DRP). Não é evidente em um

primeiro momento que se consiga correlacionar os resultados esperados com questões aplicadas de conservação ambiental, porém diante de uma análise mais aprofundada, pode-se refletir que os conflitos geradores do desinteresse pela participação refletem os valores dinâmicos emergentes na comunidade, que podem por vezes serem conflitantes com os valores agregados à conservação ambiental (Vucetich *et al.*, 2018). Neste cenário de conflitos de valores, a conservação ambiental pode e deve ser reconhecida como essencial para o combate à esse cenário devido à distribuição desigual de recursos entre a comunidade tradicional (Vucetich *et al.*, 2018), evidenciando o conhecimento tradicional como fundamental para a manutenção de um desenvolvimento sustentável (Juanwen *et al.*, 2012).

As oficinas tiveram participação relativamente baixa, quando consideramos a população total da comunidade (variando de 8 a 29 participantes). Porém, delas emergiram potenciais novas lideranças altamente engajadas e participativas. Durante todo o período analisado, as atividades contaram com um grupo conciso de participantes responsáveis pelo andamento do projeto, incluindo a proposição, realização e avaliação das ações por eles próprios. A realização das oficinas, com a abordagem participativa que implementamos, foram essenciais para o fortalecimento do laço de confiança com a comunidade, bem como para a manutenção do diálogo entre as partes interessadas, fatores que são de extrema importância para o desenvolvimento de ações que visam à conservação ambiental (Stern, 2008; Stern & Baird, 2015), especialmente quando esta é pensada de-baixo-para-cima. Existem diversos tipos de relação de confiança que podem ser estabelecidas entre as partes interessadas, com diferentes reflexos em suas tomadas de decisão. Neste contexto pode-se citar quatro diferentes tipos: confiança disposicional (predisposição de um indivíduo em confiar em outro), confiança sistêmica (relacionada à clareza das normas sociais e procedimentos), confiança por afinidade (percepções que promovem o sentimento de afinidade) e confiança racional (baseada em avaliação de resultados prováveis), todas elas são capazes de diferentes interação entre si (Stern & Baird, 2015), no caso das Oficinas analisadas torna-se evidente combinação desses diferentes tipos, apesar da confiança disposicional e por afinidade serem as mais facilmente perceptíveis e mais acessíveis no tempo analisado. A demanda de se estabelecer laços de confiança exigiu uma grande reflexão para que o diálogo se tornasse mais dinâmico e a assimilação de conteúdo pela comunidade mais efetiva, permitindo que soluções reais fossem propostas, a exemplo dos já citados projetos de conservação integrados ao desenvolvimento local (ICPDs) (Hughes & Flitan, 2001), com o intuito de promover estratégias *win-win* nos projetos de conservação em desenvolvimento pelo poder público, com ganhos possíveis para todos os grupos envolvidos, o que requer, evidentemente, que seja negociado pelos grupos a não-realização de alguns objetivos de cada grupo. Dessa forma, após o diagnóstico do principal problema como a “falta de participação” e as distintas ações propostas pela comunidade a fim de combatê-la, a ação que obteve maior destaque foi a coleta de lixo, atividade que teve adesão de praticamente a totalidade dos membros participantes das Oficinas, sendo realizada sem a presença do grupo de pesquisadores da

Universidade, mostrando a autonomia alcançada pelo grupo de participantes. Ademais, durante as reuniões diversos momentos demandaram que os membros se apropriassem de temas acerca da conservação ambiental e suas implicações para a população, posicionando-se em relação à problemas como o declínio da pesca, o descarte de lixo, a necessidade de maior conscientização ambiental da comunidade e dos turistas, e as dificuldades de divulgação e convocação das pessoas da comunidade para participarem das oficinas, sendo o último apontado por eles como possível motivo para a falta de participação elegida como principal problema. Observou-se no decorrer dos encontros, um maior e mais embasado direcionamento e posicionamento acerca dos temas supracitados, levando a tomadas de decisão no que diz respeito à proposição de ações e divisão de tarefas. Estes são exemplificados ao analisar o número de membros, suas diferentes interpretações sobre os temas (conservação ambiental e ações em prol da conservação ambiental) em distintas categorias que se mostraram presentes nos tempos analisados.

Simultaneamente, através das análises individuais pelas entrevistas, ainda que de forma subjetiva, quase a totalidade dos entrevistados apresentaram descrições ou questões relacionadas ao tema. As interpretações sobre conservação ambiental e tomada de decisão, por serem sutis, no primeiro momento podem transmitir a ideia de que os mesmos parecem conceitos distantes à comunidade, no entanto é necessária sensibilidade às diferentes formas de expressão e contextos. Cabe considerar que a conservação ambiental efetiva só pode ser verdadeiramente alcançada através da modificação dos padrões de comportamento humano, já que são estes que levam à degradação ambiental de maneira constante (Schultz, 2011). Essa não é uma questão trivial e de fácil solução através de simples educação, por exemplo, de membros de uma comunidade, como acreditam alguns biólogos da conservação (Heberlein, 2012). Demanda uma constante reflexão e adaptação da metodologia utilizada nas atividades de planejamento estratégico participativo, necessitando paciência para que distintos grupos de interesse possam desenvolver tomadas de decisão mais consensuais ou, ao menos, mitigar conflitos que prejudicam iniciativas de conservação. A relação estabelecida pelos membros da comunidade de Siribinha entre conservação ambiental e limpeza do local, bem como da preservação seja do espaço físico, da fauna ou da flora, desde o início das oficinas até o fim do período considerado para o presente trabalho demonstra certo nível de compreensão e de interesse na manutenção da região e da forma de vida que levam. A sugestão de ações em prol da conservação ambiental, como a coleta de lixo, pensada, ainda, como uma atividade que favorece um maior união da comunidade, e conseqüente aumento da participação da mesma, expõe a reflexão dos membros da comunidade, através de sua participação nas oficinas.

É essencial, como se refletiu neste trabalho, que modelos que propõem a conservação ambiental considerem as relações das comunidades humanas com o ecossistema, incluindo seus conhecimentos e costumes para o desenvolvimento de ações efetivas (Diegues, 2000). As comunidades tradicionais são, dessa maneira, essenciais para a conservação ambiental, e para tal é necessário ultrapassar a noção básica sobre

comportamento e atitude para compreender qual a melhor maneira de solucionar essa problemática (Heberlein, 2012). Enxergar a complexidade que envolve a conservação ambiental efetiva demanda tempo e integração de diferentes áreas do conhecimento, através da interação de conhecimentos de diferentes disciplinas e do conhecimento tradicional, de forma transdisciplinar, para que estratégias como a criação de áreas protegidas possam alcançar os objetivos de manutenção e uso sustentável da biodiversidade.

5. Conclusão

Considerando que os biólogos da conservação tendem a priorizar as áreas apenas com base em um conjunto de critérios objetivos, a complexidade da questão conservação ambiental segue sendo desconsiderada (Schultz, 2011), o presente trabalho evidencia a influência de planejamentos estratégicos participativos na percepção da comunidade sobre conservação ambiental e como isso pode ser refletido no processo de tomada de decisão, como uma alternativa para a manutenção efetiva da biodiversidade. A metodologia utilizada foi desenhada de forma à auxiliar a comunidade a responder questões emergentes, como o declínio dos recursos pesqueiros, a gestão de resíduos do estuário e a manutenção do manguezal.

Contudo, é necessário considerar a dinâmica dos conflitos emergentes entre os valores de conservação e valores de justiça social, que se torna mais complexo ao passo que se analisa diferentes comunidades humanas (Vucetich *et al.*, 2018). Diante da dinâmica da comunidade, faz-se necessária a adaptação da metodologia participativa para que ocorram decisões mais consensuais no que tange aspectos da conservação ambiental. Desta forma, para que seja possível criar modelos de Planejamento Estratégico aplicados à conservação ambiental, é necessário analisar diferentes comunidades tradicionais e como as mesmas respondem às metodologias aplicadas, diante de suas particularidades e objetivos. Devemos incorporar que o sucesso da construção de propostas de conservação ambiental pode depender de diferentes condições, como: a criação de laços de confiança e iniciativas apropriadas para o desenvolvimento local que considerem valores e ideias das comunidades (El-Hani, 2016).

Os resultados desse trabalho reforçam que a visão transdisciplinar, através da utilização de planejamento estratégico participativo, é capaz de modificar concepções das partes envolvidas, sejam membros da comunidade tradicional, sejam pesquisadores, refletindo-se em comportamentos e atitudes ao longo do tempo.

6. Referências

BAHIA, GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, 2003. Diagnóstico socio-econômico e ambiental do Conde, Projeto de gerenciamento costeiro “gestão integrada da orla marítima no município do Conde no estado da Bahia”, Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos – SEMARH, Salvador, Bahia, Brasil.

BARAL, N.; STERN, M. J.; HEINEN, J. T. Integrated conservation and development project life cycles in the Annapurna Conservation Area, Nepal: Is development overpowering conservation? *Biodivers Conserv*, 16:2903–2917, 2007.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Pinheiro, SP: Edições 70/Almedina Brasil, 2011.

BARNOSKY, A. D.; MATZKE, N.; TOMIYA, S.; WOGAN, G. O. U.; SWARTZ, B.; QUENTAL, T. B.; MARSHALL, C.; MCGUIRE, J. L.; LINDSEY, E.L.; MAGUIRE, K. C.; MERSEY, B.; FERRER, E. A. Has the Earth’s sixth mass extinction already arrived? *Nature*, 471:51-57, 2011.

BERNARD, H. R. *Research Methods in Anthropology: Qualitative and Quantitative Approaches* (5a. Ed.). Lanham, MD: AltaMira Press, (2011).

BOOKER, F.; FRANKS, P. *Governance Assessment for Protected and Conserved Areas (GAPA). Methodology manual for GAPA facilitators*. IIED, London, 2019.

BROSE, M. *Metodologia Participativa: uma introdução a 29 instrumentos*. 2ª ed. Porto Alegre: Tomo editorial, 328 p., Coleção Participe, 2010.

BURDA, C. L.; POLETTE, M.; SCHIAVETTI, A. Análise da cadeia causal para criação de Unidade de Conservação: Reserva Extrativista Marinha de Itacaré (BA) – Brasil. *Revista de Gestão Costeira Integrada*, 7 (1):57-67, 2007

CÂMARA, R. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6 (2), 2013.

CHAMBERS, R.; GUIJT, I. DRP: después de cinco años, em qué estamos ahora? *Revista Bosques, Arboles y Comunidades Rurales*, Quito: FAO, n. 26, p. 4-14, 1994.

COSTA-NETO, E. M. Restrições e preferências alimentares em comunidades de pescadores do município de Conde, Estado da Bahia, Brasil. *Revista de Nutrição*, Campinas, 13 (2): 117-126, 2000.

DIEGUES, A. C. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In Diegues, A. C. (org) *Etnoconservação. Novos rumos para conservação da natureza nos trópicos*. São Paulo. Hucitec, p. 1-46., 2000.

DOBROVOLSKI, R.; LOYOLA, R.; RATTIS, L.; GOUVEIA, S. F.; CARDOSO, D.; SANTOS-SILVA,

R.; ALVES-SOUZA, D. G.; BINI, L. M.; DINIZ-FILHO, J. A. F. Science and democracy must orientate Brazil's path to sustainability. *Perspectives in Ecology and Conservation* 16, 121–124, 2018.

EL-HANI, C. N. Para conservar a natureza, é preciso confiança: Três estudos mostram que relações de confiança com comunidades locais têm papel importante na conservação Ambiental. Disponível em: <https://darwinianas.com/2016/09/13/para-conservar-a-natureza-e-preciso-confianca/>; 2016; Acessado em 31/01/2020.

FARIA, A.; FERREIRA NETO, P. Ferramentas de Diálogo: Qualificando o uso de técnicas de DRP – Diagnóstico Rápido Participativo. Brasília: MMA; IEB, 2006.

FERRARO, P. J.; KISS, A.; Direct Payments to Conserve Biodiversity. *Science*, 298, 2002.

GARCIA, L.C.; RIBEIRO, D.B.; OLIVEIRA ROQUE, F.; OCHOA-QUINTERO, J.M.; LAURANCE, W.F. Brazil's worst mining disaster: corporations must be compelled to pay the actual environmental costs. *Ecol. Appl.* 27, 5–9, 2017.

GARNETT, S. T.; SAYER, J.; TOIT, J. Improving the Effectiveness of Interventions to Balance Conservation and Development: a Conceptual Framework. *Ecology and Society* 12(1): 2, 2007.

HEBERLEIN, T.A. Navigating environmental attitudes. Oxford University Press, New York, NY, 2012.

HELMING, S.; GÖBEL, M. ZOPP Planejamento de Projetos Orientado por Objetivos: Um Guia de Orientação para o Planejamento de Projetos Novos e em Andamento. Tradução portuguesa: Monika Möbius. Multiprint, 60487, Frankfurt am Main Eschborn, 1998.

HUGHES, R.; FLITAN, F. Integrating conservation and development experience: A Review and Bibliography of the ICPD Literature. London: International Institute for Environment and Development. 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTÁTISTICA. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/conde/panorama>; 2017; Acessado em: 25/12/2019.

JUANWEN, Y.; QUANXIN, W.; JINLONG, L. Understanding indigenous knowledge in sustainable management of natural resources in China Taking two villages from Guizhou Province as a case. *Forest Policy and Economics* 22, 47–52, 2012.

LLAMBÍ, L. D.; SMITH, J. K.; PEREIRA, N.; PEREIRA, A. C.; VALERO, F.; MONASTERIO, M.; DÁVILA, M. V. Participatory Planning for Biodiversity Conservation in the High Tropical Andes: Are Farmers Interested? *Mountain Research and Development*, Vol 25, No 3, 2005.

LUDWIG, D; POLISELI, L. Relating traditional and academic ecological knowledge: mechanistic and holistic epistemologies across cultures. *Biology & Philosophy*, 33:43, 2018.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/informma/itemlist/category/34-unidades-de-conservacao>; 2012; acessado em 14/12/2017.

RAYMOND, C. M.; FAZEY, J.; REED, M. S.; STRINGER, L. C.; ROBINSON, G. M.; EVELY, A. C. Integrating local and scientific knowledge for environmental management. *Journal of Environmental Management*, 91, 1766 -1777, 2010.

SCHOLZ, R. W.; STEINER, G. *Transdisciplinarity at the crossroads*. Springer Japan, 2015.

SCHULTZ, P. Conservation means behavior. *Conserv. Biol.*, **25**, 1080-1083, 2011.

SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, LEI No 9.985, DE 18 DE JULHO DE 2000.

SOUZA, M. A utilização de metodologias de diagnóstico e planejamento participativo em assentamentos rurais: o diagnóstico rural/rápido participativo (DRP). *EM EXTENSÃO*, Uberlândia, v. 8, n. 1, p. 34 - 47, jan./jul. 2009.

STERN, M. J. The Power of Trust: Toward a Theory of Local Opposition to Neighboring Protected Areas., *Society & Natural Resources: An International Journal*, 21:10, 859-875, 2008.

STERN, M. J.; BAIRD, T. D. Trust ecology and the resilience of natural resource management institutions., *Ecology and Society* **20** (2): 14, 2015.

VUCETICH, J. A.; BURNHAM, D.; MACDONALD, E. A.; BRUSKOTTER, J. T.; MARCHINI, S.; ZIMMERMANN, A.; MACDONALD, D. Just conservation: What is it and should we pursue it? *Biological Conservation* 221, 23–33, 2018.

WALLACE, K. J. Values: drives for planning biodiversity management. *Environmental Science & Policy*. 17 I – II, 2012.

Anexo

Roteiro de Entrevista – Siribinha
<ol style="list-style-type: none">1. O que você entende por “conservação ambiental”?2. Você sabe o que é Unidade de Conservação?3. Você já ouviu falar sobre o Sistema Nacional de Unidade de Conservação (SNUC)? Se sim, o que é?4. Você sabe o que é um Monumento Natural?5. O que é um Plano de Manejo? E como funciona?6. Já ouviu falar sobre Conselho Consultivo? Como ele funciona?7. Já ouviu falar sobre Conselho Deliberativo? Como ele funciona?
Questionário para traçar o perfil dos participantes quanto à engajamento social
<ol style="list-style-type: none">1. Você já participou de alguma associação comunitária?2. Em algum momento já desenvolveu algum plano de gestão em conjunto?3. Acredita que com o engajamento de todos é possível ter sucesso na gestão ambiental?

Anexo 2: Imagem da primeira Oficina Participativa em Siribinha.



Foto: Gabriela De La Rosa.

Anexo 3: Imagens da primeira coleta de lixo realizada entre a Primeira e Segunda Oficina Participativa.



Foto: Membros da Comunidade de Siribinha.

Anexo 4: Imagem da realização da exibição de filme para a comunidade, proposta no primeiro Plano de Ação Estratégico.



Foto: Gabriela De La Rosa

Anexo 6: Imagem da Avaliação do Plano de Ação proposto em dezembro, na segunda Oficina participativa em Siribinha.

AVALIAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO			
AÇÕES REALIZADAS		FEVEREIRO/2019	
AÇÕES	REALIZADA	RESULTADOS	DIFICULDADE
DIVULGAÇÃO DA OFICINA E FILME	MAIS OU MENOS	SABEM, MAS HÁ FALTA DE INTERESSE	AUSÊNCIA DO SOM
FILME	SIM	NÃO TEM RESULTADO	FALTA DE CURIOSIDADE
COLETA DE LIXO	SIM	DIMINUINDO A QUANTIDADE DE LIXO	NÃO PENSAR NO FUTURO

Foto: Gabriela De La Rosa

Anexo 8: Imagem do terceira Oficina participativa em Siribinha, coordenadas por Gabriela De La Rosa e Salete Amorim.



Foto: Charbel El-Hani

nexo 9: Imagens do quarta Oficina participativa em Siribinha, coordenadas por Gabriela De La Rosa e Salete Amorim.



Foto: Charbel El-Hani

Anexo 10: Oficina informativa sobre Unidades de Conservação ministrada por Margareth Maia.



Foto: Gabriela De La Rosa

Anexo 11: Oficina informativa sobre Perspectivas de conversação ambiental em Siribinha ministrada por Charbel El-Hani.



Foto: Gabriela De La Rosa

Anexo 12: Oficina informativa sobre o Projeto de Museu em Siribinha ministrada por Charbel El-Hani.



Foto: Gabriela De La Rosa

Anexo 12: Oficina informativa sobre o Turismo desordenado em em Siribinha ministrada por Charbel El-Hani, Salete Amorim e Gabriela De La Rosa.



Foto: Beatriz Lima